

NORA ROBERTS

*Irmãos
de Sangue*

Tradução de Fernanda Semedo

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



CHÁ DA CINCO
Livros com sexto sentido

*Para os meus rapazes
Que deambularam pelos bosques
Mesmo quando não deviam fazê-lo.*

Onde Deus tem um templo, o Diabo terá uma capela.

– ROBERT BURTON

A infância anuncia o homem como a manhã anuncia o dia.

– JOHN MILTON

PRÓLOGO

Hawkins Hollow Província de Maryland 1652

Avançou lentamente no ar que se suspendia, pesado como lã molhada, sobre a clareira. O seu ódio arrastou-se ao longo das serpentes de nevoeiro que deslizavam silenciosamente sobre a terra. Através da noite asfixiada de calor, aproximava-se dele.

Queria que ele morresse.

E ele aguardou, enquanto a criatura abria caminho pelo bosque, erguendo a tocha para o céu vazio, atravessando os ribeiros e contornando os arbustos onde se aconchegavam pequenos animais, amedrontados pelo seu cheiro.

Fumo do inferno.

Enviara para longe, para um lugar seguro, Ann e as vidas que esta carregava no ventre. Ela não chorara, pensava ele agora, molhando na água as ervas que selecionara. A sua Ann não chorara. Mas vira-lhe a mágoa no rosto, nos escuros e profundos olhos que amara ao longo de toda esta vida e das que vivera antes.

Os três nasceriam dela, seriam criados e ensinados por ela. E, deles, a seu devido tempo, proviriam outros três.

Todo o poder que possuía seria deles, desses filhos que soltariam o seu primeiro grito muito, muito tempo depois de o trabalho desta noite estar concluído. Para lhes deixar todas as ferramentas de que haveriam de necessitar, as armas que empunhariam, arriscava tudo o que possuía, tudo o que era.

O seu legado aos filhos seria em sangue, em coração, em visão.

Nesta última hora faria tudo o que pudesse para lhes fornecer o que

era necessário para carregarem o fardo, permanecerem verdadeiros, serem capazes de ver o seu destino.

A sua voz era forte e límpida quando convocou vento e água, terra e fogo. Na lareira, as chamas agitaram-se. No caldeirão, a água tremeu.

Depositou a pedra-de-sangue no pano. Era de um verde-escuro, generosamente salpicado de vermelho. Guardara-a como um tesouro, como tinham feito os outros antes dele. Honrara-a. E vertia agora nela o seu poder, como quem vertesse água numa chávena.

O corpo tremia-lhe, suave e enfraquecia, enquanto a luz se suspendia num halo em torno da pedra.

— Para vós — murmurou, — filhos dos meus filhos. Três partes de um todo. Com fé, com esperança, com verdade. Uma luz, consubstanciada, para combater as trevas. E eis o meu juramento. Não terei repouso até que o destino se cumpra.

Com o átame, o punhal de dois gumes, golpeou a palma da mão para que o seu sangue se derramasse sobre a pedra, para dentro da água e das chamas.

— Sangue do meu sangue. Neste lugar me mantereis até que venhais buscar-me, até que liberteis o que tem de ser novamente solto no mundo. Que os deuses vos protejam.

Por um momento, houve tristeza. Apesar do seu propósito, houve tristeza. Não pela sua vida, cujas últimas areias escorriam já para o fundo da ampulheta. Não temia a morte. Não temia o que em breve abraçaria, e que não era a morte. Magoava-o, contudo, não voltar a beijar os lábios de Ann nesta vida. Não ver nascer os filhos, nem os filhos dos seus filhos. Lacera-va-o não ser capaz de impedir o sofrimento que se avizinhava, como não pudera impedir o sofrimento que acontecera antes, em tantas outras vidas.

Compreendia que não era o instrumento, mas apenas o vaso que se enchia e esvaziava segundo as necessidades dos deuses.

Então, fatigado do trabalho, penalizado pela perda, aguardou no exterior da pequena cabana, ao lado da grande pedra, que o seu fado se cumprisse.

Este chegou com um corpo de homem, que não passava de uma carapaça. Tal como o seu próprio corpo não passava de uma carapaça. Chamava-se Lazarus Twisse, um antepassado ancião dos «Pios». Ele e os que o seguiam tinham-se estabelecido na região inóspita da província depois de romperem com os Puritanos da Nova Inglaterra.

Examinava-os agora à luz do archote, os homens e o que não era homem. Aqueles, pensou, que tinham ocorrido ao Novo Mundo em busca de liberdade religiosa para, em seguida, perseguirem e destruírem todos os que se afastassem do seu caminho único e estreito.

— És Giles Dent.

— Sou — respondeu, — neste tempo e neste lugar.

Lazarus Twisse deu um passo em frente. Usava o preto formal e absoluto de um ancião. Embora o chapéu de copa alta e aba larga lhe ensombrecesse o rosto, Giles conseguiu ver-lhe os olhos e, nestes, reconheceu o demónio.

— Giles Dent, tu e a mulher conhecida como Ann Hawkins fostes acusados e considerados culpados de bruxaria e práticas demoníacas.

— Quem acusa?

— Tragam a rapariga — ordenou Lazarus.

Trouxeram-na, um homem de cada lado, puxando-a pelos braços. Era uma rapariga magra e baixa, com um rosto que o medo, que também lhe inundara os olhos, tornara branco como cera. Tinham-lhe rapado o cabelo.

— Hester Deale, foi este o bruxo que te seduziu?

— Ele e aquela a quem chama esposa assentaram as mãos sobre mim. — Falou como que em transe. — Realizaram atos iníquos sobre o meu corpo. Chegaram à minha janela a meio da noite, disfarçados de corvos, e varam para dentro do meu quarto. Calaram-me a garganta para que eu não pudesse falar ou gritar por socorro.

— Criança — disse Giles gentilmente, — que te fizeram?

Aqueles olhos banhados de medo olharam através dele.

— Chamaram a Satanás seu deus, cortaram o pescoço de um galo em sacrifício e beberam-lhe o sangue. Forçaram o seu sangue para dentro de mim. Não fui capaz de impedi-los.

— Hester Deale, renuncias a Satanás?

— Renuncio.

— Hester Deale, renuncias a Giles Dent e à mulher Ann Hawkins, como bruxos e hereges?

— Sim. — As lágrimas escorriam-lhe pelas bochechas. — Renuncio a eles e rogo a Deus para que me salve. Rogo a Deus que me perdoe.

— Perdoará — murmurou Giles. — A culpa não é tua.

— Onde está a mulher, Ann Hawkins? — inquiriu Lazarus, e Giles voltou para ele os olhos cinzentos-claros.

— Não a encontrarás.

— Afasta-te. Entrarei nessa casa do demónio.

— Não a encontrarás — repetiu Giles. Por um momento, olhou para além de Lazarus, para os homens e o punhado de mulheres que se encontravam na sua clareira.

Viu que tinham a morte nos olhos e, mais, viu que tinham fome dela. Era o poder do demónio, era a sua obra.

Apenas nos olhos de Hester vislumbrou medo ou mágoa. Então, usando o que tinha para dar, tentou introduzir a sua mente na da jovem.
Foge!

Viu-a estremecer e cambalear para trás, e virou-se para Lazarus.

— Eu e tu conhecemo-nos. Manda-os embora, liberta-os, e isto será entre nós os dois.

Por um instante, viu o brilho vermelho nos olhos de Lazarus.

— Estás perdido. Queimem o bruxo — gritou. — Queimem a casa do demónio e tudo o que esta contém!

Vieram com archotes e com paus. Giles sentiu sobre si a chuva de golpes e a fúria do ódio que era a arma mais afiada do demónio.

Obrigaram-no a pôr-se de joelhos e a madeira da cabana começou a flamejar e a deitar fumo. Os gritos ecoavam-lhe na cabeça, a loucura dos gritos.

Com o poder que lhe restava, procurou alcançar o demónio dentro do homem, com vermelho a bordejar-lhe os olhos negros enquanto se alimentava do ódio, do medo, da violência. Sentiu-o rejubilar, sentiu-o *ascender*, tão seguro da vitória e do festim que se seguiria.

E puxou-o para si, através do ar fumegante. Ouviu-o gritar de fúria e de dor quando as chamas lhe morderam a carne. Manteve-o junto de si, tão próximos como dois amantes, enquanto as chamas os consumiam.

E, com essa união, o fogo irrompeu, espalhou-se, destruiu cada ser vivente da clareira.

Ardeu durante um dia e uma noite, como se fosse a barriga do inferno.

UM

Hawkins Hollow Maryland 6 de julho de 1987

No interior da cozinha agradável de uma bonita casa na Pleasant Avenue, Caleb Hawkins esforçava-se por não demonstrar impaciência enquanto a mãe empacotava a sua versão de provisões necessárias para acampar.

No mundo da mãe, os rapazes de dez anos precisavam de fruta fresca, bolachinhas de aveia caseiras (que não eram assim tão más), meia dúzia de ovos cozidos, um pacote de bolachas *Ritz* dispostas aos pares e barradas com manteiga de amendoim, alguns pedaços de aipo e de cenoura (*yuck!*) e umas sandes bem recheadas de fiambre e queijo.

A mãe ainda conseguiu arranjar espaço no cesto para uma garrafa térmica com limonada, um molho de guardanapos de papel e duas caixas de bolachas *Pop-tarts* para o pequeno-almoço.

— Mãe, não vamos *morrer de fome* — queixou-se o rapaz ao vê-la deliberar diante de um armário aberto. — Estaremos só no pátio do Fox.

O que era mentira, e quase o fez morder a língua. Porém, se lhe contasse a verdade, a mãe nunca o deixaria ir. E, caramba, ele tinha dez anos. Ou teria, no dia seguinte.

Frannie Hawkins pôs as mãos nas ancas. Era uma loura atraente e cheia de vivacidade, com olhos azuis como o verão e uma elegante permanente encaracolada. Apesar de ter três filhos, Cal era o seu bebé e o único rapaz.

— Agora, deixa-me verificar essa mochila.

— Mãe!

— Querido, só quero ter a certeza de que não te esqueceste de nada.

— Com a sua habitual rudeza bem-humorada, abriu o fecho da mochila azul-marinho de Cal. — Uma muda de roupa interior, uma camisa lavada, meias, muito bem, muito bem, calções, escova de dentes. Cal, onde estão os pensos rápidos que te mandei guardar, o desinfetante e o repelente de insetos?

— Caramba, não vamos para África.

— Mesmo assim — disse Frannie e fez o seu gesto habitual com o dedo para o mandar ir buscar os artigos. Quando Cal obedeceu, ela tirou um cartão do bolso e introduziu-o na mochila.

Cal nascera um minuto depois da meia-noite, após oito horas e doze minutos de um trabalho de parto terrível. Todos os anos Frannie chegava junto da cama dele à meia-noite, observava-o a dormir durante um minuto e em seguida beijava-lhe a bochecha.

Agora, Cal faria dez anos e ela não poderia cumprir esse ritual. Chegaram-lhe lágrimas aos olhos e voltou-se para limpar a bancada imaculada, quando ouviu os seus passos fortes.

— Já tenho tudo, está bem?

Com um sorriso radiante, ela virou-se.

— Está bem.

Aproximou-se para lhe acariciar o cabelo curto e macio. Fora o seu bebé louro-palha, recordou, mas o seu cabelo estava a escurecer, e suspeitava que acabaria por ficar castanho-claro.

Como o dela seria, se não o pintasse de loiro.

Num gesto habitual, Frannie deu uma pancadinha para lhe subir os óculos de aros escuros ao longo do nariz.

— Não te esqueças de agradecer à menina Barry e ao senhor O'Dell quando lá chegares.

— Está bem.

— E quando voltares para casa, amanhã.

— Sim, senhora.

Ela tomou-lhe o rosto nas mãos e olhou através das lentes grossas para os olhos dele, que eram do mesmo cinzento calmo dos do pai.

— Porta-te bem — disse, beijando-lhe uma bochecha. — Diverte-te. — Beijou-lhe a outra. — Feliz aniversário, meu bebé.

Normalmente, mortificava-o que a mãe lhe chamasse seu *bebé* mas, por qualquer razão, naquele momento sentiu-se sentimental e bom.

— Obrigado, mãe.

Pôs a mochila às costas e ergueu o pesado cesto de piquenique. Como poderia percorrer todo o caminho até ao bosque Hawkins com metade de uma mercearia na bicicleta?

Os rapazes iam gozá-lo à brava.

Como não tinha outra opção, acartou tudo para a garagem, onde a sua bicicleta se encontrava muito bem arrumada — por decreto da mãe — numa prateleira da parede. Pensando melhor, resolveu tomar de empréstimo duas cordas de *bungee-jumping* do pai e fixou o cesto do piquenique ao cesto de arame da bicicleta.

Saltou para a bicicleta e desceu a curta rampa que o levava à estrada.

Fox acabou de libertar de ervas daninhas a sua secção da horta, antes de a pulverizar com o *spray* que a mãe preparava todas as semanas para desencorajar os veados e os coelhos de fazerem um buffet «come tudo o que puderes». A combinação de alho, ovo cru e pimenta de caiena cheirava tão mal que teve de sustentar a respiração enquanto borrifava as filas de feijão-verde e favas, as folhas das batatas, as cenouras e os rabanetes.

Recuou, inspirou ar puro e contemplou o seu trabalho. A mãe era muito rigorosa quanto ao cuidado da horta. Era por causa do respeito pela terra, da harmonização com a natureza e esse género de coisas.

Fox sabia que também era por causa da comida; era necessário arranjar comida e dinheiro suficientes para alimentar uma família de seis — e quem mais aparecesse. Era por isso que o pai e a irmã mais velha, Sage, estavam na banca a vender ovos frescos, leite de cabra, mel e as compotas caseiras que a mãe fazia.

Relanceou o irmão mais novo, Ridge, estendido entre os talhões, a brincar com as ervas daninhas em vez de as arrancar. Como a mãe estava dentro de casa a deitar a irmã bebé, Sparrow, para a sesta, ele era responsável por Ridge.

— Vá lá, Ridge, arranca essas ervas estúpidas. Quero ir-me embora.

Ridge ergueu o rosto e virou os olhos sonhadores para o irmão.

— Porque não posso ir contigo?

— Porque tens oito anos e nem sequer és capaz de arrancar as ervas daninhas aos idiotas dos tomates. — Aborrecido, Fox atravessou os regos até ao talhão de Ridge e, agachando-se, começou a arrancar ervas.

— Também sou capaz.

Como Fox esperava, o insulto dispôs Ridge, por vingança, a começar a trabalhar. Fox endireitou-se, esfregou as mãos nas calças de ganga. Era um rapaz alto e magro, com uma massa de cabelo castanho emaranhado, que ondulava em torno de um rosto de ossos angulosos. Os olhos castanhos-dourados refletiam a sua satisfação quando foi buscar o pulverizador.

Atirou-o para junto de Ridge.

— Não te esqueças de pulverizar essa merda.

Atravessou o pátio, contornando aquilo que sobrava — três paredes

baixas e parte de uma chaminé — da velha cabana de pedra no extremo da horta. Estava enterrada, como a mãe gostava, em madressilva e campainhas.

Contornou o galinheiro e as aves que debicavam por ali, o cercado com as duas cabras entediadas, de barrigas descaídas, circundou a horta de ervas aromáticas da mãe. Dirigiu-se à porta da cozinha da casa que fora quase toda construída pelos pais. A cozinha era grande e as bancadas estavam repletas de projetos — recipientes para conservas, tampas, tubos de cera para velas, tigelas com mechas.

Ele sabia que a maior parte das pessoas de Hollow e arredores achavam que a sua família era um grupo de *hippies* esquisitos. Isso não o aborrecia. Em geral davam-se bem com toda a gente e as pessoas gostavam de lhes comprar os ovos e produtos agrícolas, os trabalhos de agulha, os artigos de artesanato e as velas feitas pela mãe, ou de contratar o pai para construir coisas.

Fox lavou-se no lava-loiça antes de vasculhar os armários e a grande despensa à procura de *algo* que não fosse comida saudável.

Improvável.

Iria ao mercado de bicicleta — aquele mesmo à saída da cidade, não fosse alguém vê-lo — e gastaria algumas das suas poupanças em bolachas de chocolate e de manteiga das suas marcas favoritas. A mãe entrou, afastando a comprida trança castanha do ombro que o vestido leve de algodão deixava nu.

— Acabaste?

— Eu, sim. O Ridge está quase.

Joanne aproximou-se da janela, erguendo automaticamente a mão para alisar o cabelo de Fox, e repousou-a no seu pescoço enquanto observava o filho mais novo lá fora.

— Há bolinhos de alfarroba e umas salsichas vegetarianas, se os quiseres levar.

— Ah — emitiu um som de repugnância. — Não, obrigado. Estou bem.

Ele sabia que a mãe sabia que ele se ia empanturrar de produtos animais e açúcar refinado. E ele sabia que ela sabia que ele sabia. Porém, não lhe ralharia por causa disso. Para a mãe, as escolhas eram importantes.

— Diverte-te.

— Sim.

— Fox? — A mãe estava no mesmo sítio, junto do lava-loiça, com a luz que entrava pela janela a iluminar-lhe um halo em volta do cabelo. — Feliz aniversário.

— Obrigado, mãe. — E, pensando nas bolachas, foi buscar a bicicleta para iniciar a aventura.

...

O velho ainda dormia quando Gage guardou alguns mantimentos na mochila. Ouvia-o ressonar através das paredes finas e de má qualidade do minúsculo apartamento que ficava por cima do Bowl-a-Rama, o clube de bólingue. Era aí que o velho trabalhava, a limpar o chão e as casas de banho, e o mais que o pai de Cal lhe arranjasse para fazer.

Podia faltar um dia para fazer dez anos, mas Gage sabia por que razão o senhor Hawkins os deixava ficar no apartamento sem pagar renda e mantinha o pai empregado, supostamente como responsável pela manutenção do edifício. O senhor Hawkins tinha pena deles — sobretudo de Gage, porque era o filho sem mãe de um bêbado sem coração.

Havia outras pessoas que tinham pena dele, e isso incomodava Gage. O mesmo não acontecia com o senhor Hawkins, que nunca deixava transparecer a piedade. E, sempre que Gage fazia alguns trabalhos no clube, pagava-lhe em dinheiro e à parte. E com um piscar de olho cúmplice.

Ele sabia, raios, toda a gente sabia, que Bill Turner, de vez em quando, espancava o filho. Porém, o senhor Hawkins fora o *único* que se sentara com Gage e *lhe* perguntara o que queria. Queria a polícia, a segurança social, queria ficar algum tempo com a família dele?

Gage não queria os polícias nem os benfeitores. Só tornavam tudo pior. E, embora desse tudo para viver naquela casa bonita, com pessoas que levavam vidas decentes, apenas pediu ao senhor Hawkins que, por favor, por favor, não despedisse o seu velhote.

Era menos espancado quando o senhor Hawkins mantinha o pai ocupado e com emprego. A não ser, claro, que o velho Bill fosse de farra e perdesse a cabeça.

Se o senhor Hawkins soubesse como as coisas podiam ficar feias nessas ocasiões, chamaria mesmo a polícia.

Então, ele não contava a ninguém e tornara-se muito bom a esconder sovas como a que apanhara na noite anterior.

Gage moveu-se cautelosamente para sacar três cervejas frescas do fornecimento do pai. Os vergões nas costas e nas nádegas ainda estavam em carne viva e ardiavam como fogo. Ele esperava aquela sova. Todos os anos, por alturas do seu aniversário, apanhava uma. Apanhava sempre outra perto da data da morte da mãe.

Essas eram as tradicionais duas sovas grandes. Outras vezes, chegavam de surpresa. Mas, em geral, quando o velho tinha um trabalho estável, limitava-se a dar-lhe um empurrão ou uma bofetada.

Não se incomodou em manter-se silencioso quando entrou no quarto do pai. Nada menos ruidoso que um ataque dos Soldados da Fortuna acordaria Bill Turner quando este dormia o sono dos bêbados.

O quarto tresandava a suor de cerveja e a fumo estagnado, fazendo Gage enrugar o rosto bonito. Tirou de cima da cómoda o meio maço de *Marlboro*. O velho não se lembraria se ainda tinha alguns, por isso não havia problema.

Sem qualquer escrúpulo, abriu a carteira do pai e serviu-se de três notas de um dólar e uma de cinco.

Observou o pai enquanto introduzia as notas no bolso. Bill estava esparramado na cama, vestido apenas com *boxers*, a ressonar de boca aberta.

O cinto com que batera ao filho na noite anterior estava no chão, junto das camisas, meias e calças de ganga sujas.

Por um momento, apenas um momento, viu-se a pegar no cinto, levantá-lo bem alto e atirá-lo com força de encontro à barriga nua e descaída do pai, e a imagem produziu em Gage ondas de uma espécie de alegria insana.

Para ver se gostas.

Porém, em cima da mesa, junto do cinzeiro a transbordar e da garrafa vazia, estava a fotografia da mãe de Gage, sorridente.

As pessoas diziam que ele se parecia com ela — os cabelos escuros, os olhos verdes enevoados, a boca forte. Noutros tempos, sentira-se embaraçado por ser comparado com uma mulher. Mais recentemente, desde que tudo, a não ser aquela fotografia, se encontrava tão esbatido na sua memória, quando já não podia ouvir mentalmente a voz dela ou recordar o seu cheiro, a ideia apaziguava-o.

Parecia-se com a mãe.

Por vezes, imaginava que aquele homem que bebia até ao estupor a maior parte das noites não era seu pai.

O seu verdadeiro pai era elegante, corajoso e um tanto displicente.

Depois, olhava para o velho e sabia que eram tudo tretas.

Esticou o dedo médio ao velho canalha antes de sair do quarto. Por causa dos vergões, não podia suportar a mochila nas costas e tinha de a levar na mão.

Desceu os degraus exteriores e foi às traseiras desacorrentar a sua bicicleta em terceira mão.

Apesar da dor, sorriu ao montar.

Nas próximas vinte e quatro horas, seria livre.

Tinham combinado encontrar-se no extremo oeste da cidade, onde o bosque se estendia até à curva da estrada. O miúdo da classe média, o *hippie* e o filho do bêbado.

Faziam todos anos no mesmo dia, 7 de julho. Cal soltara o seu pri-

meiro grito chocado na sala de partos do Washington County Hospital, enquanto a mãe ofegava e o pai chorava. Fox abriera caminho para o mundo e para os braços expectantes do pai risonho no quarto da pequena quinta insólita, iluminado por velas de alfazema, ao som de Bob Dylan a cantar *Lay, Lady Lay* no gira-discos. Gage debatera-se para fora da sua aterrorizada mãe numa ambulância que percorria a grande velocidade a Route 65 de Maryland.

Desta vez, Gage era o primeiro a chegar, descendo da bicicleta para a levar à mão para o meio das árvores, onde ninguém que passasse na estrada os poderia avistar.

Em seguida, sentou-se no chão e acendeu o primeiro cigarro da tarde. Punham-no sempre um pouco enjoado, mas o ato provocador de os acender compensava as náuseas.

Ficou sentado, a fumar, no bosque sombrio, e a imaginar-se num tri-lho de montanha no Colorado ou numa floresta tropical da América do Sul.

Em qualquer lado, menos ali.

Dera a sua terceira passa e inalara cautelosamente pela primeira vez, quando ouviu o som de pneus a atravessar a terra e as pedras.

Fox entrou no bosque na *Relâmpago*, a sua bicicleta, assim batizada porque o pai lhe pintara relâmpagos nas barras.

O pai era assim tão fixe.

— Olá, Turner.

— O 'Dell. — Gage estendeu-lhe o cigarro.

Ambos sabiam que Fox só o aceitou porque, caso contrário, seria considerado maricas. Deu uma passa rápida e devolveu-o. Gage apontou com a cabeça para o saco atado ao guiador da *Relâmpago*.

— Que trouxeste?

— Bolachas de chocolate *Little Debbies*, bolachas de manteiga e barri-nhas. De maçã e cereja.

— Muito bem. Trouxe três latas de *Bud* para esta noite.

Os olhos de Fox por pouco não lhe saltaram da cabeça.

— Sem merdas?

— Sem merdas. O velho estava destroçado. Nunca dará pela falta delas. E trouxe outra coisa: o último número da revista *Penthouse*.

— Não pode!

— Ele esconde-as debaixo de um monte de tralhas na casa de banho.

— 'Xa-me ver.

— Depois. Com a cerveja.

Ambos olharam quando Cal começou a arrastar a bicicleta pelo caminho pedregoso.

— Olá, imbecil — cumprimentou Fox.

— Olá, cabeças de merda.

Disseram-no com a afeição de irmãos, arrastaram as bicicletas mais para o interior do bosque e depois para fora do trilho estreito.

Quando consideraram que as bicicletas se encontravam em segurança, desamarraram os mantimentos e repartiram-nos.

— Caramba, Hawkins, o que é que a tua mãe pôs aí?

— Não te queixarás quando estiveres a comer. — Os braços de Cal já protestavam contra o peso, e franziu o cenho a Gage. — Porque não pões a mochila às costas e me dás uma ajuda?

— Porque tenho de a levar nos braços. — Contudo, abriu a tampa do cesto e, depois de assobiar ao ver tantos *Tupperware*, passou um ou dois para a sua mochila. — Põe alguns na tua, O'Dell, ou levamos o dia inteiro só para chegar à lagoa Hester.

— Merda. — Fox tirou uma garrafa térmica e encafuou-a na sua mochila. — Já estás suficientemente leve, menina?

— Vai à merda. Tenho o cesto e a minha mochila.

— Eu tenho os mantimentos do mercado e a minha mochila. — Fox tirou as suas estimadas posses da bicicleta. — Tu levas o cantante, Turner.

Gage encolheu os ombros e pegou no rádio.

— Nesse caso, sou eu que escolho a música.

— Nada de *rap* — disseram Cal e Fox em uníssono, mas Gage limitou-se a sorrir e a continuar a andar, até sintonizar uma estação que passava Run-DMC.

Com muitas queixas e resmungos, iniciaram a excursão.

As folhas das árvores, densas e verdes, cortavam o brilho do Sol e o calor do verão. Através dos choupos exuberantes e dos carvalhos altos, espreitavam fatias do azul leitoso do céu. Encaminharam-se para o riacho ventoso enquanto o *rapper* e os Aerosmith os incentivavam a «percorrer este caminho».

— O Gage tem uma *Penthouse* — anunciou Fox. — A revista de mulheres nuas, idiota — acrescentou ao ver que Cal não percebera.

— *Hum-hum*.

— *Hum-hum*. Vá lá, Turner. Mostra-a.

— Só quando estivermos acampados, com a cerveja aberta.

— *Cerveja!* — Instintivamente, Cal lançou um olhar por cima do ombro, não fosse a mãe ter aparecido ali magicamente. — Trouxeste cerveja?

— Três latas — confirmou Gage, dando-se ares. — E uns fumos.

— Não é brutal? — Fox deu um murro no braço de Cal. — É o melhor aniversário de sempre.

— De sempre — concordou Cal, secretamente aterrorizado. Cerveja,

cigarros e fotografias de mulheres nuas. Se a mãe viesse a descobrir, ficaria de castigo até aos trinta anos. Sem contar com o facto de ter mentido, ou de ir a caminho do bosque Hawkins para acampar na Pedra Pagã, expressamente proibida.

Ficaria de castigo até morrer de velho.

— Para de te preocupares. — Gage passou a mochila de um braço para o outro, com um brilho perverso nos olhos, como se perguntasse «Que raio se passa contigo?». — Está tudo fixe.

— Não estou preocupado. — Mesmo assim, Cal deu um salto quando um gaio gorducho surgiu das árvores, soltando um pio de irritação.

Dois

A lagoa Hester também era proibida no mundo de Cal, o que era mais uma razão para a tornar irresistível. Dizia-se que aquela extensão de água castanha, alimentada pelo sinuoso riacho Antietam e escondida nos bosques frondosos, era assombrada por uma estranha jovem Peregrina que ali se afogara há muito, muito tempo.

Ouvira a mãe falar de um rapaz que também se afogara ali quando ela era criança, o que, na Lógica da Mãe, era a razão número um para Cal *nunca* ter permissão de nadar em tal sítio. Dizia-se que o fantasma do rapaz também ali permanecia, oculto sob a água, aguardando apenas o momento de puxar outro menino pelo tornozelo e de o arrastar para o fundo, para ter companhia.

Cal nadara ali duas vezes esse verão, tonto de excitação e de medo. E, de ambas as vezes, *jurara* ter sentido dedos ossudos roçar-lhe o tornozelo.

Um denso exército de espadanas cobria as margens e, em torno do declive escorregadio, cresciam ramos daqueles lírios selvagens, cor de laranja, de que a mãe gostava. Leques de fetos trepavam pela vertente rochosa, assim como silvedos de bagas silvestres que, quando amadureciam, manchavam os dedos com uma espécie de púrpura que se assemelhava um pouco a sangue.

Da última vez que ali tinham ido, vira um cobra negra deslizar pelo declive acima, mal agitando os fetos.

Fox soltou um grito e atirou a mochila ao chão. Em segundos, descalçara os sapatos, tirara a camisa e as calças de ganga e atirara-se à água como

um foguete, sem dedicar um único pensamento a cobras, fantasmas ou o mais que pudesse existir sob aquela superfície castanha enlameada.

— Vá lá, meninas! — Depois de um mergulho hábil, Fox balançou-se na água como se fosse uma foca.

Cal sentou-se, desatacou os *Converse All Stars* e introduziu cuidadosamente as meias dentro deles. Fox continuava a gritar e a chapinhar e Cal olhou para Gage, que se limitava a contemplar a água.

— Vais entrar?

— Não sei.

Cal tirou a camisa e dobrou-a, por hábito.

— Está no plano. Só lhe podemos pôr um visto quando todos o tivermos feito.

— Pois, pois. — Mas Gage manteve-se imóvel enquanto Cal se punha em roupa interior.

— Temos de ir todos, desafiar os deuses, e essas coisas.

Com um encolher de ombros, Gage tirou os sapatos.

— Vai lá, és maricas? Queres ver-me a despir?

— Asqueroso. — Introduzindo os óculos no sapato esquerdo, Cal inspirou, deu graças por ter ficado com a visão enevoada e saltou.

Sentiu um choque gelado e instantâneo ao cair na água.

Fox atirou-lhe logo água à cara, cegando-o completamente, antes de se refugiar à beira das espadanas, para evitar a retaliação. No instante em que conseguira limpar os olhos míopes, Gage saltou para a água e tornou a cegá-lo.

— Caramba!

Gage nadava à cão, agitando a água, e Cal nadou para fora da tempestade que ele provocava. Dos três, era o que nadava melhor. Fox era rápido, mas faltava-lhe energia. E Gage, bem, Gage atacava a água como se lutasse com ela.

Cal inquietava-se — embora uma parte de si se empolgasse com a ideia — de um dia ter de usar as técnicas de salvamento que o pai lhe ensinara na piscina para evitar que Gage se afogasse.

Imaginava a cena, a maneira como Gage e Fox o olhariam, cheios de gratidão e pasmo, quando uma mão lhe segurou o tornozelo e o puxou para baixo.

Mesmo sabendo que era Fox quem o puxava, o coração de Cal bateu-lhe na garganta quando a água se lhe fechou em torno da cabeça. Debateu-se para se manter à tona, esquecendo todo o seu treino no primeiro instante de pânico. Quando conseguiu soltar o tornozelo e recompor-se o suficiente para vir à superfície, detetou um movimento à sua esquerda.

Aquilo — a mulher — parecia deslizar através da água na direção

dele. Os cabelos fluíam-lhe atrás do rosto branco, e os seus olhos eram negros como cavernas. Quando ela estendeu a mão, Cal abriu a boca para gritar. Engoliu água e começou a debater-se para chegar à superfície.

Ouvia risos a toda a volta, metálicos e ressonantes, como a música que saía do velho transístor que o pai, por vezes, utilizava. Com o terror a morder-lhe a garganta por dentro, chapinhou e chegou com esforço à margem da lagoa.

— Vi-a, vi-a na água, vi-a! — Subia com dificuldade o declive e as palavras ficaram sufocadas.

Ela aproximava-se e ele via-a na sua mente, rápida como um tubarão, de boca aberta, os dentes brilhantes, aguçados como facas.

— Saiam! Saiam da água! — Ofegante, arrastou-se através dos juncos escorregadios e viu os amigos de pé dentro de água. — Ela está na água. — Quase soluçava, arrastando-se de barriga para tirar atrapalhadamente os óculos de dentro do sapato. — Eu vi-a. Saiam daí. Depressa.

— Oh, o fantasma! Acudam-me! — Com um gorgolejo fingido, Fox submergiu.

Cal pôs-se de pé e cerrou os punhos ao lado do corpo. A fúria misturou-se com o terror e a sua voz chicoteou o ar quieto do verão.

— Saiam daí, caralho!

O sorriso no rosto de Gage desvaneceu-se. Semicerrou os olhos para Cal e segurou o braço de Fox quando este voltou à superfície, a rir.

— Vamos sair.

— Vá lá! Ele está só a ser estúpido porque eu o puxei para baixo.

— Não é treta.

O tom do amigo afetou-o, ou talvez tenha sido a expressão no rosto de Cal, quando se deu ao incómodo de olhar, que o deixou alarmado. Fox apressou-se a sair da água, suficientemente assustado para olhar um par de vezes por cima do ombro.

Gage seguiu-o, nadando à cão, e Cal pensou que o amigo parecia estar a desafiar alguma coisa para que acontecesse.

Quando os amigos se içaram para fora da água, Cal voltou a sentar-se pesadamente no chão. Levantou os joelhos, encostou-lhes a cabeça e começou a tremer.

— *Meu!* — Com a roupa interior a escorrer, Fox passava o peso de um pé para o outro. — Só te dei um puxão e tu ficaste maluco. Estávamos só a brincar.

— Eu vi-a.

Agachando-se, Fox afastou o cabelo ensopado do rosto.

— Amigo, tu não vês um boi sem aqueles fundos de garrafas de *Coca-Cola* nos olhos.

— Cala-te, O'Dell. — Gage agachou-se. — Que viste, Cal?

— *Ela*. Tinha aquele cabelo todo a nadar à volta da cabeça, e os olhos, oh, *meu*, os olhos dela eram pretos como os do tubarão do filme. Trazia um vestido comprido, com mangas compridas e isso tudo, e estendeu a mão como se fosse agarrar-me.

— Com os seus dedos ossudos — interrompeu Fox, sem conseguir que o seu tom fosse tão desdenhoso quanto pretendia.

— Não eram ossudos. — Cal levantou a cabeça e, por trás das lentes, os seus olhos eram ferozes e assustados. — Pensei que fossem, mas ela parecia, toda ela, tão... real. Não era como um fantasma nem como um esqueleto. Oh, meu, oh, Deus, eu vi-a. Não estou a inventar.

— Caramba! — Fox arrastou-se para um pouco mais longe da lagoa, depois praguejou baixinho quando arranhou o braço nos espinhos das silvas. — Merda, agora estou a deitar sangue. — Fox arrancou uma mancha de ervas e limpou o sangue que lhe escorria dos arranhões.

— Nem penses nisso — Cal percebeu a maneira como Gage examinava a água, aquele brilho pensativo nos olhos, de «quem me dera saber o que vai acontecer». — Ninguém entra na água. E tu não nadas suficientemente bem para sequer tentares.

— Como é que foste o único a vê-la?

— Não sei nem me interessa. Só quero sair daqui. — Cal pôs-se de pé de um salto e pegou nas calças. Antes de as vestir, viu Gage de costas. — *C'um* caraças! Tens as costas feitas num oito.

— O velho desgraçou-se ontem à noite. Não é nada de especial.

— Amigo. — Fox contornou-o para ver. — Isso deve doer.

— A água aliviou.

— Tenho o meu estojo de primeiros-socorros — começou Cal, mas Gage interrompeu-o.

— Já disse que não é nada de especial. — Pegou na camisa e vestiu-a. — Se vocês os dois não têm tomates para voltarem ali e verem o que acontece, o melhor é irmo-nos embora.

— Eu não tenho tomates — disse Cal num tom tão inexpressivo que Gage soltou uma gargalhada.

— Então veste as calças, para eu não ficar a perguntar-me o que é isso pendurado entre as tuas pernas.

Fox abriu o pacote de bolachas e a caixa de seis latas de *Coca-Cola* que comprara no mercado. Como o incidente na lagoa e os vergões nas costas de Gage eram muito importantes, não falaram de uma coisa nem da outra. Em vez disso, com os cabelos ainda a escorrerem, retomaram a excursão, deglutindo bolinhos e partilhando uma lata de refrigerante morno.

Porém, com Bon Jovi proclamando que já iam a meio do caminho,

Cal pôs-se a pensar no que vira. Porque fora ele o único? Como é que o rosto dela podia ser tão nítido na água lamacenta, quando os seus óculos estavam enfiados dentro de um sapato? Como podia tê-la visto? A cada passo que o afastava da lagoa, tornava-se mais fácil convencer-se de que imaginara tudo.

Não que *alguma vez* admitisse que, simplesmente, se passara.

O calor secara-lhe a pele molhada e provocara-lhe suor. Pensou como é que Gage suportava ter a camisa colada às costas feridas. Porque, caramba, aquelas marcas estavam todas vermelhas e nodosas, e era impossível que não doessem. Já vira Gage depois de o velho Turner lhe bater, mas nunca fora tão mau como desta vez. Gostava que Gage o tivesse deixado pôr-lhe sálvia nas costas.

E se infetasse? Se ficasse com o sangue envenenado, a delirar, ou qualquer coisa assim, depois de chegarem à Pedra Pagã?

Teria de mandar Fox em busca de ajuda. Pois, era o que faria — mandaria Fox procurar ajuda e ele ficava com Gage, a tratar-lhe as feridas, a obrigá-lo a beber qualquer coisa para não... como é que se dizia? Desidratar.

Claro que a pele dos três estaria em risco quando o pai os viesse buscar, mas Gage ficaria bom.

Talvez mandassem o pai de Gage para a prisão. E depois, o que aconteceria? O Gage teria de ir para um orfanato?

Pensar nisso era quase tão assustador como pensar na mulher da lagoa.

Decidiram parar para descansar e sentaram-se a uma sombra, onde partilharam um dos *Marlboro* roubados por Gage. Cal ficava sempre enjoado quando fumava, mas era agradável estarem ali sentados sob as árvores, com a água a deslizar pelas rochas atrás deles e um bando de pássaros loucos chamando-se uns aos outros.

— Podíamos acampar já aqui — disse Cal, meio para si mesmo.

— Nem pensar. — Fox deu-lhe um murro no ombro. — Faremos dez anos na Pedra Pagã. Não há alteração de planos. Estaremos lá dentro de uma hora. Certo, Gage?

Gage olhou por entre as árvores.

— Sim. Iríamos mais depressa se não tivessem trazido tantas merdas.

— Não te vi recusar uma *Little Debbie* — recordou-o Fox.

— Ninguém recusa *Little Debbies*. Bem... — Apagou o cigarro, depois colocou uma pedra em cima da beata. A caminho, tropas.

Ninguém ia àquele sítio. Cal sabia que não era verdade. Sabia que, na época da caça ao veado, aqueles bosques eram procurados.

Porém, *era como se* ninguém ali fosse. Das outras duas vezes que o tinham convencido a percorrer todo o caminho até à Pedra Pagã, sentira

a mesma coisa. E, de ambas as vezes, tinham começado a viagem bastante cedo, e não à tarde. Estavam de volta antes das duas.

Agora, de acordo com o seu *Timex*, eram quase quatro. Apesar das bolachas, o seu estômago rugia. Queria voltar a parar, ver o que a mãe colocara dentro do estúpido do cesto.

Mas Gage seguia adiante, ansioso por chegar à Pedra Pagã.

A terra na clareira tinha um aspeto queimado, como se um incêndio tivesse grassado nas árvores e as tivesse transformado em cinza. Era quase um círculo perfeito, rodeado por carvalhos e silvedos de frutos silvestres. No centro, uma única pedra sobressaía sessenta centímetros do chão ardi-do. No topo, era plana como uma mesinha.

Alguns diziam que era um altar.

As pessoas, quando falavam no assunto, o que não era frequente, diziam que a Pedra Pagã era apenas uma grande rocha que furara o chão. O chão era tão colorido devido aos minerais ou a uma corrente subterrânea, ou talvez a grutas.

Outros, porém, que habitualmente gostavam mais de falar do assunto, apontavam esta localização como a povoação original de Hawkins Hollow e da noite em que treze pessoas tinham cumprido o seu destino, queimadas vivas naquela mesma clareira.

Alguns falavam de bruxaria, outros de adoração ao diabo.

Outra teoria era a de que um pouco hospitaleiro bando de índios os matara e em seguida queimara os corpos.

Porém, fosse qual fosse a teoria, a pedra cinzento-pálida erguia-se como um monumento do solo cor de fuligem.

— Conseguimos! — Fox atirou a mochila e o saco ao chão, para correr e executar uma dança em torno da pedra. — Não é fixe? Não é fixe? Ninguém sabe onde estamos. E temos a noite *inteira* para fazer o que quisermos.

— Tudo o que quisermos no meio dos bosques — acrescentou Cal. Sem televisão nem frigorífico.

Fox inclinou a cabeça para trás e soltou um grito que ecoou a grande distância.

— Estão a ver? Ninguém nos pode ouvir. Podíamos ser atacados por mutantes, *ninjas* ou extraterrestres, e ninguém nos ouviria.

Cal percebeu que a ideia não lhe apaziguava o estômago.

— Temos de recolher lenha para fazer uma fogueira.

— O Escuteiro tem razão — decidiu Gage. — Vão vocês arranjar alguma lenha. Eu vou pôr as cervejas e as *Colas* no riacho. Para arrefecer as latas.

À sua maneira ordenada, Cal começou por organizar o acampamen-

to. Roupa numa área, comida na outra, ferramentas numa terceira. Com a faca de escuteiro e uma bússola no bolso, partiu em busca de raminhos e troncos pequenos. Caminhou através das silvas que o arranhavam e picavam. Com os braços carregados, não deu por umas gotas de sangue que escorreram para o chão no extremo do círculo.

Também não reparou na maneira como o sangue crepitou, fumegou e acabou por ser engolido por aquela terra cicatrizada.

Fox instalou o rádio na rocha e montaram o acampamento ao som de Madonna, U2 e do *Boss*. Seguindo o conselho de Cal, dispuseram a lenha para a fogueira, que decidiram não acender enquanto houvesse sol.

Suados e sujos, sentaram-se no chão e atiraram-se ao cesto do piquenique, com mãos imundas e grande apetite. Enquanto a comida e os sabores familiares lhe acalmavam o estômago e reconfortavam o sistema, Cal concluiu que valera a pena arrastar o cesto durante umas horas.

Repletos, estenderam-se de costas, os rostos virados para o céu.

— Acreditam mesmo que aquela gente toda morreu exatamente aqui? — Perguntou Gage.

— Há livros sobre o caso na biblioteca — disse-lhe Cal. — Acerca de um incêndio de «origem desconhecida» que irrompeu e queimou as pessoas.

— É um sítio esquisito para estarem.

— Nós estamos aqui.

Gage limitou-se a resmungar.

— A minha mãe contou-me que as primeiras pessoas brancas que se instalaram aqui eram Puritanos. — Fox soprou um enorme balão cor-de-rosa com a pastilha que comprara no mercado. — Uma espécie de Puritanos radicais, ou algo assim. Contou como vieram para aqui em busca de liberdade religiosa mas, na verdade, só queriam que se fosse livre à maneira deles, percebem? A mãe diz que há muita gente assim em relação à religião. Eu não compreendo.

Gage achou que compreendia, pelo menos em parte.

— Muitas pessoas são más e, mesmo que não o sejam, muitas pensam que são melhores que os outros. — Era algo que via constantemente, na maneira como o olhavam.

— Acham que eram bruxos e que as pessoas de Hollow dessa época os queimaram na fogueira? — Fox rolou para se deitar de barriga. — A minha mãe diz que ser bruxo também é uma espécie de religião.

— A tua mãe é tarada.

Porque era o Gage, e porque o dissera a brincar, Fox sorriu.

— Somos todos tarados.

— Diria que isto pede uma cerveja. — Gage pôs-se de pé. — Partilha-

mos uma e deixamos a outras refrescarem mais. — Gage encaminhou-se para o riacho, e Cal e Fox trocaram olhares.

— Alguma vez bebeste cerveja? — quis saber Cal.

— Não. E tu?

— Estás a brincar? Até *Coca-Cola*, é só em ocasiões especiais. E se ficarmos bêbados e desmaiarmos, ou algo assim?

— O meu pai às vezes bebe cerveja. Isso não lhe acontece, acho eu.

Calaram-se quando Gage regressou, com a lata a escorrer.

— Muito bem. Isto é para celebrar o facto de à meia-noite deixarmos de ser miúdos.

— Se calhar, não devíamos beber antes da meia-noite — propôs Cal.

— Bebemos a segunda depois. É como... um ritual.

O ruído da tampa a saltar, no silêncio do bosque, foi quase tão chocante para Cal como um tiro de pistola. Sentiu imediatamente o cheiro da cerveja, e pareceu-lhe amargo. Perguntou-se se saberia da mesma maneira.

Gage ergueu a cerveja numa mão, bem alta, como se empunhasse uma espada. Depois baixou-a e deu um grande trago da lata.

Não conseguiu disfarçar a reação, fez uma careta como se tivesse engolido algo estranho e desagradável. Ficou com as bochechas coradas e soltou uma expiração áspera e curta.

— Ainda está bastante quente, mas... — tossiu. — Mas sabe bem. Agora vocês.

Passou a lata a Fox. Encolhendo os ombros, este pegou na lata e imitou o gesto de Gage. Todos sabiam que Fox nunca recusava um desafio.

— *Arre!* Sabe a mijo.

— Tens andado a beber mijo?

Desdenhando a pergunta de Gage, Fox passou a lata a Cal.

— É a tua vez.

Cal examinou a lata. Um gole de cerveja não havia de o matar. Inspirou e bebeu um pouco.

O estômago enrolou-se-lhe e ficou com os olhos aguados. Devolveu a lata a Gage.

— Sabe mesmo a mijo.

— Acho que as pessoas não a bebem por causa do sabor. É pela maneira como os faz sentir. — Gage deu mais um gole, porque queria saber como se sentiria.

Sentaram-se de pernas cruzadas, na clareira circular, batendo com os joelhos uns nos outros, passando a lata de mão em mão.

O estômago de Cal revolveu-se, mas não se sentiu exatamente doente. A cabeça também se revolveu, mas fê-lo sentir-se pateta e divertido. E a cer-

veja encheu-lhe a bexiga. Quando se pôs de pé, todo o mundo se inclinou e fê-lo rir sem poder parar enquanto cambaleava até uma árvore.

Abriu o fecho das calças e fez pontaria à árvore, que não parava de se mexer.

Quando voltou, aos tropeções, Fox esforçava-se por acender um cigarro. Também o passaram em volta do círculo, até o estômago com quase dez anos de Cal se revoltar. Afastou-se de gatas para vomitar, rastejou de volta e deixou-se ficar estendido, de olhos fechados, desejando que o mundo tornasse a ficar quieto.

Sentiu-se como se estivesse outra vez a nadar na lagoa e a ser lentamente arrastado para o fundo.

Quando regressou à superfície, era quase crepúsculo.

Soergueu-se, esperando não voltar a sentir-se mal. Sentia um pequeno buraco dentro da barriga e da cabeça, mas não lhe parecia que fosse vomitar. Viu Fox a dormir, enrolado na pedra. Foi de gatas até à garrafa térmica e, lavando o vômito e a cerveja da garganta, sentiu-se mais grato que nunca à mãe e à sua limonada.

Mais equilibrado, esfregou os olhos com os dedos, por baixo dos óculos, depois avistou Gage sentado, fitando a lenha disposta para a fogueira que ainda não tinham acendido.

— Bom dia, menina.

Com um sorriso desfalecido, Cal aproximou-se.

— Não sei acender isto. Pareceu-me que estava na hora, mas precisava de um escuteiro.

Cal pegou na carteira de fósforos que Gage lhe entregou e ateou vários pontos da pilha de folhas secas que dispusera sob a lenha.

— Deve ser suficiente. O vento está bastante calmo e não há nada para pegar fogo aqui na clareira. Vamos alimentando o fogo quando for necessário e temos de o enterrar bem amanhã antes de nos irmos embora.

— *Smokey, o Urso*. Estás bem?

— Sim. Acho que vomitei quase tudo.

— Não devia ter trazido a cerveja.

Cal encolheu os ombros e lançou um olhar a Fox.

— Estamos bem, e agora já sabemos a que sabe. Sabemos que sabe a mijo.

Gage riu um pouco.

— Não me fez sentir mau. — Pegou num pauzinho e aticou as chamas baixas. — Queria saber se era isso que acontecia, e achei que podia experimentar contigo e com o Fox. Vocês são os meus melhores amigos, por isso achei que podia experimentar com vocês e ver se me fazia sentir mau.

— Como te fez sentir?

— Fez-me doer a cabeça. Ainda dói um bocadinho. Não vomitei, como tu, mas a modos que me apetecia. Fui buscar uma das *Coca-Colas* e bebi-a. Senti-me melhor depois. Porque bebe tanto, se o faz sentir assim?

— Não sei.

Gage tombou a cabeça até aos joelhos.

— Ele estava a chorar quando me bateu, ontem à noite. A chorar e a balbuciar, durante todo o tempo que me deu com o cinto. Porque haverá uma pessoa de querer sentir-se assim?

Com cuidado para evitar os vergões nas costas de Gage, Cal pôs-lhe um braço em torno dos ombros. Quem lhe dera saber o que dizer.

— Assim que tiver idade suficiente, vou-me embora. Talvez para o exército, ou então arranjo emprego num navio de carga ou numa plataforma petrolífera.

Os olhos de Gage brilhavam quando ergueu a cabeça, e Cal desviou o olhar porque sabia que o brilho eram lágrimas.

— Podes ficar connosco quando precisares.

— Só tornaria tudo pior quando voltasse. Mas, dentro de algumas horas, terei dez anos. E dentro de alguns anos serei tão grande como ele. Talvez maior. Nessa altura, não o deixarei bater-me. Que se lixe. — Gage esfregou a cara. — Vamos acordar o Fox. Esta noite ninguém dorme.

Fox gemeu e resmungou, mas levantou-se para fazer chichi e ir buscar uma *Coca-Cola* ao riacho. Partilharam-na, com mais uma rodada de *Little Debbies*. E, finalmente, o exemplar da *Penthouse*.

Cal já vira seios nus. Era possível vê-los nas *National Geographic* da biblioteca, se se soubesse onde procurar.

Aqueles, porém, eram diferentes.

— Eh, rapazes, já pensaram em fazê-lo?

— Quem não pensa? — responderam ambos.

— O que o fizer primeiro tem de contar tudo aos outros dois. Contar o que se sente — continuou Cal. — E como é que o fizeram, e o que ela fez. Tudo. Peço um juramento.

Um pedido de juramento era sagrado. Gage cuspiu nas costas da mão e estendeu-a. Fox bateu-lhe com a palma e cuspiu também nas costas da mão. Cal completou o contacto.

— Assim o juramos — disseram em unísono.

Sentaram-se em redor da fogueira enquanto as estrelas começavam a despontar e, nas profundezas do bosque, uma coruja soltava o seu grito noturno.

A caminhada longa e suada, a aparição fantasmagórica e o vômito de cerveja estavam esquecidos.

— Devíamos fazer isto todos os anos no nosso aniversário — decidiu

Cal. — Mesmo quando formos velhos. Quando tivermos trinta, e isso. Devíamos sempre vir aqui os três.

— Beber cerveja e ver fotografias de miúdas nuas — acrescentou Fox.
— Peço um...

— Não — interrompeu Gage bruscamente. — Não posso jurar. Não sei para onde irei, mas irei para qualquer outro lugar. Não sei se algum dia voltarei.

— Nesse caso, iremos aonde estiveres, quando pudermos. Havemos de ser sempre os melhores amigos. — Nada o mudaria, pensou Cal, e fez o seu juramento privado em relação a isso. Nada poderia mudar aquilo. Viu as horas.

— Falta pouco para a meia-noite. Tenho uma ideia.

Pegou na faca de escuteiro, abriu-a e segurou-a sobre as chamas.

— Que fazes? — perguntou Fox.

— Estou a esterilizá-la. Como se a estivesse a purificar. — A faca ficou tão quente que ele teve de a retirar, soprando nos dedos. — É como o Gage disse acerca do ritual, e essas coisas. Dez anos são uma década. Conhecemo-nos quase desde sempre. Nascemos no mesmo dia. Isto torna-nos... diferentes — disse, procurando palavras de que não tinha a certeza. — Assim, especiais, acho eu. Somos os melhores amigos. Somos como irmãos.

Gage olhou para a faca, depois para a cara de Cal.

— Irmãos de sangue.

— Pois.

— Fixe. — Já comprometido, Fox estendeu a mão.

— À meia-noite — disse Cal. — Devemos fazê-lo à meia-noite, e precisamos de umas palavras para dizer.

— Faremos um juramento — propôs Gage. — E misturaremos o nosso sangue... três em um. Alguma coisa assim. Com lealdade.

— Está bem. Anota, Cal.

Cal tirou um lápis e papel da mochila.

— Escrevemos as palavras e dizemo-las juntos. Depois fazemos o corte e juntamos os pulsos. Tenho pensos rápidos para depois, se precisarmos.

Cal escreveu as palavras com o seu lápis número dois no papel azul de linhas, riscando-as quando mudavam de ideias.

Fox acrescentou mais lenha à fogueira, para que as chamas crepitassem enquanto estavam reunidos junto da Pedra Pagã.

Pouco antes da meia-noite, puseram-se de pé, três rapazinhos com os rostos iluminados pelo lume e pelas estrelas. A um sinal de Gage, falaram juntos, com vozes solenes e dolorosamente jovens.

— Nascemos há dez anos, na mesma noite, à mesma hora, no mesmo

ano. Somos irmãos. Junto da Pedra Pagã juramos lealdade, verdade e fraternidade. Misturamos o nosso sangue.

Cal conteve a respiração e reuniu coragem para percorrer o pulso com a faca.

— *Ai!*

— Misturamos o nosso sangue! — Fox cerrou os dentes quando Cal lhe cortou o pulso.

— Misturamos o nosso sangue. — E Gage nem pestanejou quando a faca lhe fendeu a carne.

— Três por um, e um pelos três.

Cal estendeu o braço. Primeiro Fox e depois Gage encostaram os pulsos feridos ao dele.

— Irmãos, em espírito e na mente. Irmãos de sangue, para sempre.

Nuvens trémulas cobriram a Lua rechonchuda e embaciaram o brilho das estrelas. O sangue misturado escorreu e tombou no chão queimado.

O vento explodiu e a sua voz era como um grito furioso. A pequena fogueira cuspiu chamas que se ergueram como uma torre. Os pés dos três rapazes foram arrancados do chão, como se uma mão os agarrasse e depois os arremessasse. A luz explodiu como se as estrelas se tivessem despedaçado.

Quando abriu a boca para gritar, Cal sentiu algo ser empurrado para dentro de si, algo quente e forte, que lhe queimou os pulmões e espremeu o coração numa agonia desconcertante.

A luz extinguiu-se. Na escuridão espessa soprou um frio gelado que lhe entorpeceu a pele. O som que o vento fazia agora era como um animal, um monstro que apenas habitasse nos livros. Sob os seus pés, a terra estremeceu, lançando-o para trás enquanto ele tentava arrastar-se para longe.

E algo saiu daquela escuridão gelada, daquela terra trémula. Algo enorme e horrível.

Olhos vermelho-sangue e... faminto. Olhou-o. Quando sorriu, os seus dentes brilharam como espadas de prata.

Pensou que morrera e aquela coisa o engolira de um só trago. Porém, quando recuperou os sentidos, ouviu o bater do seu coração. Ouviu os gritos e os chamamentos dos amigos.

Irmãos de sangue.

— Jesus, Jesus! Que foi aquilo? Tu viste? — gritou Fox com a voz trémula como um junco. — Gage, por amor de Deus, tens o nariz a sangrar!

— Também tu. Alguma coisa... Cal! Santo Deus, Cal!

Cal estava estendido de costas. Sentia o sangue quente molhar-lhe a cara, mas estava demasiado entorpecido para que isso o assustasse.

— Não consigo ver. — Soltou um suspiro rouco. — Não consigo ver.

— Os teus óculos estão partidos. — Com a cara suja de fuligem e sangue, Fox arrastou-se para junto dele. — Uma das lentes está partida. Amigo, a tua mãe vai-te matar.

— Partida. — Trémulo, Cal tirou os óculos.

— Estava aqui qualquer coisa. — Gage segurou o ombro de Cal. — Senti qualquer coisa acontecer, depois de ficar tudo doido, senti qualquer coisa acontecer dentro de mim. Depois... vocês viram? Viram aquela coisa?

— Vi-lhe os olhos — disse Fox, batendo os dentes. — Temos de sair daqui. Temos de ir.

— Para onde? — perguntou Gage. Embora a sua respiração ainda fosse difícil, apanhou do chão a faca de Cal e segurou-a firmemente. — Não sabemos para onde aquilo foi. Era uma espécie de urso? Era...

— Não era um urso. — Cal falava agora calmamente. — Era aquilo que se encontrava aqui, neste lugar, há muito tempo. Posso ver... posso vê-lo. Antigamente, parecia um homem, quando queria. Mas não era um homem.

— *Meu*, bateste com a cabeça.

Cal virou os olhos para Fox e as suas íris estavam quase pretas.

— Posso vê-lo, e ao outro. — Abriu a mão cujo pulso cortara. Na sua palma encontrava-se um pedaço de pedra verde salpicada de vermelho. — Isto é dele.

Fox abriu a mão e Gage imitou-o. Em cada uma estava um terço idêntico da pedra.

— Que é isto? — sussurrou Gage. — De onde raio veio isto?

— Não sei, mas agora é nosso. *Hum*, um por três, três por um. Acho que soltámos qualquer coisa. E algo veio com isso. Algo mau. Posso vê-lo.

Fechou os olhos por um momento, depois abriu-os e olhou para os amigos.

— Posso vê-lo, mas não com os meus óculos. Posso ver sem eles. Não está enevoado. Consigo ver sem os óculos.

— Espera. — Tremendo, Gage puxou a camisa para cima e virou-se de costas.

— *Meu*, desapareceram! — Fox estendeu o braço para tocar com os dedos as costas sem marcas de Gage. — Os vergões. Desapareceram. E... — Esticou o pulso, onde o corte superficial começava já a sarar. — *C'um caraças*, agora seremos super-heróis?

— É um demónio — disse Cal. — E nós soltámo-lo.

— Merda. — Gage fitou os bosques escuros. — Um raio de um feliz aniversário para nós!

TRÊS

Hawkins Hollow Fevereiro de 2008

Estava mais frio em Hawkins Hollow, Maryland, que em Juno, no Alasca. Cal gostava de saber esse género de coisas, se bem que nesse momento estivesse em Hollow, onde o vento frio e húmido soprava como o raio e lhe gelava os olhos.

Os olhos eram praticamente a única parte do seu corpo que estava exposta ao percorrer rapidamente a Main Street, entre o Coffee Talk e o Bowl-a-Rama, com um copo de *mochaccino* numa mão enluvada.

Três dias por semana, tomava o pequeno-almoço ao balcão no Ma's Pantry, algumas portas abaixo e, pelo menos uma vez por semana, ia jantar ao Gino.

O pai acreditava no apoio à comunidade, aos outros comerciantes. Agora que ele praticamente se retirara dos negócios e era Cal que os geria, tentava seguir essa tradição dos Hawkins.

Fazia compras no mercado local, apesar de um supermercado de cadeia, a poucos quilómetros da cidade, ser mais barato. Se quisesse mandar flores a uma mulher, resistia a fazê-lo com um par de cliques no computador e obrigava-se a ir à florista.

Relacionava-se com o canalizador, o electricista e o pintor locais, com os artífices da área. Sempre que possível, contratava pessoas da cidade.

Excetuando os anos que passara na universidade, sempre vivera em Hollow. Era a sua casa.

A cada sete anos desde o seu décimo aniversário, revivia o pesadelo que visitava aquele lugar. A cada sete anos, ajudava a limpar o resultado dos distúrbios.

Abriu a porta da frente do Bowl-a-Rama e voltou a colocar a tranca depois de entrar. As pessoas tinham a mania de entrar, fosse qual fosse o horário afixado, se a porta não estivesse trancada.

Já fora um pouco mais despreocupado em relação a isso, até que uma bela noite, estando ele a desfrutar de um *Strip Bowling* fora de horas com Allysa Kramer, três adolescentes tinham irrompido pelo clube, esperando que o salão de jogos ainda estivesse aberto.

Lição aprendida.

Passou diante do balcão principal, das seis pistas e do retorno de bolas, do balcão de aluguer de sapatos e da churrascaria, virou e subiu a correr as escadas até ao segundo andar de teto baixo onde ficava o seu escritório (ou do pai, se este estivesse com disposição), uma casa de banho do tamanho de um armário e uma enorme área de armazenamento.

Pousou o café na secretária, tirou as luvas, o cachecol, o gorro, o casaco e o colete térmico.

Depois de ligar o computador e o rádio por satélite, sentou-se para ingerir o combustível de cafeína e lançar-se ao trabalho.

O clube de bólingue que o avô de Cal abrira nos anos quarenta, após a guerra, fora um exíguo lugar de encontro, apenas com três pistas, um par de máquinas de *flippers* e balcões de *Coca-Cola*. Expandira-se nos anos sessenta e, novamente, quando o pai de Cal assumira as rédeas, no princípio dos anos oitenta.

Agora, com as suas seis pistas, a sala de jogos e o salão para festas privadas, era o local de encontro de Hollow.

Graças ao avô, pensou Cal, consultando as reservas para festas no mês seguinte. Contudo, a maior parte dos créditos devia-se ao pai, que transformara as pistas num clube familiar e usara o seu sucesso para se lançar noutras áreas de negócio.

A cidade ostenta o nosso nome, gostava de dizer Jim Hawkins. *Respeita o nome, respeita a cidade*.

Cal fazia ambas as coisas. Caso contrário, teria partido há muito.

Uma hora depois de ter começado a trabalhar, Cal levantou a cabeça ao ouvir bater à porta.

— Desculpa, Cal. Só queria que soubesses que estou aqui. Pensei em acabar de pintar as casas de banho, já que esta manhã não abres.

— Está bem, Bill. Tem tudo o que lhe faz falta?

— Claro. — Bill Turner, sóbrio há cinco anos, dois meses e seis dias, pigarreou. — Queria saber se tiveste alguma notícia do Gage.

— Há uns meses que não.

Zona sensível, pensou Cal quando Bill se limitou a acenar com a cabeça. Terreno pantanoso.

— Bem, vou começar.

Cal observou Bill a afastar-se da porta. Não podia fazer nada acerca daquilo, pensou. Nada que tivesse a certeza de dever fazer.

Será que cinco anos limpo e sóbrio compensavam todas as sovas com cinto, todos os encontrões e bofetadas, todos os impropérios? Não lhe cabia a si julgá-lo.

Relanceou a cicatriz fina que lhe percorria diagonalmente o pulso. Era curioso como a pequena ferida sarara tão rapidamente e, no entanto, a marca permanecia — a única cicatriz que tinha. Curioso como uma coisa tão pequena catapultara a cidade e as pessoas que ele conhecia para sete dias de inferno, de sete em sete anos.

Regressaria Gage este ano, como fazia a cada sete anos? Cal não via o futuro, não era esse o seu dom nem o seu fardo. Mas sabia que, quando ele, Gage e Fox fizessem trinta e um anos, estariam todos juntos em Hollow.

Tinham feito um juramento.

Terminou o trabalho da manhã e, como não conseguia desligar o cérebro daquilo, escreveu um e-mail rápido para Gage.

Olá. Onde raio estás? Las Vegas? Moçambique? Duluth? Vou agora ter com o Fox. Há uma escritora que vem a Hollow para pesquisar sobre a história, a lenda e aquilo a que chamam as anomalias. Acho que posso tratar de tudo, mas achei que devias saber.

Estão seis graus negativos e ventos fortes. Quem me dera que tu estivesses aqui e eu não.

Cal

Ele acabaria por responder, pensou Cal ao enviar o e-mail e antes de desligar o computador. Podia ser dali a cinco minutos ou cinco semanas, mas Gage responderia.

Começou a colocar camadas de roupa de exterior em cima de uma constituição comprida e larga, herdada do pai. Os pés descomunais eram igualmente herança do querido papá.

O cabelo louro-escuro, que só ia para onde queria, era da mãe. Só sabia disso graças a fotografias antigas dela, pois fora sempre uma loura clara e perfeitamente penteada desde que se lembrava dela.

Os olhos, de um cinzento intenso e por vezes tempestuoso, viam perfeitamente desde o seu décimo aniversário.

Ao fechar a parca para sair, pensou que a usava apenas por uma questão de conforto. Não dera sequer uma fungadela ao longo de vinte anos. Nem gripe, nem vírus, nem febre dos fenos.

Aos doze anos, caíra de uma macieira. Ouvira o osso do braço estalar, sentira uma dor que o deixara sem respiração.

E sentira-o voltar a unir-se — com mais dores — antes de ter tempo de atravessar o relvado para dizer à mãe.

Por isso, nunca lhe dissera, recordou, saindo para a agreste bofetada do frio. Para quê preocupá-la?

Cobriu rapidamente os três quarteirões até ao escritório de Fox, distribuindo acenos ou devolvendo cumprimentos a vizinhos e amigos. Porém, não se deteve em conversas. Podia não ter gripes nem corrimento nasal, mas estava farto como tudo do inverno.

Neve cinzenta, com uma crosta de gelo, jazia numa faixa suja ao longo das bermas e, lá em cima, o céu refletia essa cor melancólica. Algumas casas e estabelecimentos exibiam corações e coroas de São Valentim nas portas e janelas, não conseguindo acrescentar muita animação às árvores nuas e aos jardins destroçados pelo inverno.

A melhor época de Hollow, na maneira de ver de Cal, não era em fevereiro.

Subiu os degraus baixos até ao alpendre coberto do velho palacete de pedra. Na placa ao lado da porta, lia-se: FOX B. O'DELL, ADVOGADO.

Era algo que provocava sempre em Cal um estremeção e um laivo de divertimento. Mesmo depois de quase seis anos, não se conseguia habituar.

O maluco *hippie* de cabelos compridos era um advogado.

Entrou na arrumada área de receção e ali estava Alice Hawbaker à secretária. Aprumada no seu fato azul-marinho e blusa branca de laço, o cabelo cor de neve e os bifocais que lhe davam o ar de quem não admitia disparates, a senhora Hawbaker conduzia o escritório como um *Border Collie* conduzia um rebanho.

Aparentemente era doce e bonita, mas morderia o tornozelo de quem saísse da linha.

— Olá, senhora Hawbaker. Caramba, está *frio* lá fora. Parece que vamos ter mais neve. — Desatou o cachecol. — Espero que a senhora e o senhor Hawbaker se mantenham quentes.

— O suficiente.

Detetou qualquer coisa na sua voz que o fez olhar mais atentamente, ao mesmo tempo que descalçava as luvas. Quando percebeu que ela estivera a chorar, aproximou-se instintivamente da secretária.

— Está tudo bem? Está...?

— Está tudo bem. Muito bem. O Fox está entre duas consultas. Está ali amuado, por isso é só ir lá atrás.

— Sim, minha senhora. Sra. Hawbaker, se houver alguma coisa...

— Vá lá atrás — repetiu ela e mostrou-se ocupada com o teclado.

Além da área de recepção havia um corredor com uma casa de banho para senhoras, de um lado, e uma biblioteca do outro. Mesmo ao fundo, o escritório de Fox estava fechado com um par de portas corrediças. Cal não se deu ao trabalho de bater. Fox ergueu o olhar quando as portas se abriram. Parecia estar, de facto, amuado. Os olhos olheirentos estavam meditados e a boca cerrada.

Estava sentado atrás da secretária, os pés metidos dentro de botas de caminhada apoiados nela. Vestia calças de ganga e uma camisa de flanela aberta sobre uma T-shirt térmica branca. O cabelo castanho baloiçava em torno do seu rosto de feições pronunciadas.

— Que se passa?

— Vou dizer-te o que se passa. A minha secretária acaba de se demitir.

— Que lhe fizeste?

— Eu? — Fox afastou-se da secretária e abriu o mini-frigorífico para tirar uma *Coca-Cola*. Nunca aprendera a gostar de café. — Tenta nós, irmão. Acampámos uma desventurada noite na Pedra Pagã e arranjámos um sarilho.

Cal deixou-se cair numa cadeira.

— Ela demitiu-se porque...

— Não só se demitiu, vai-se embora, com o senhor Hawbaker. E sim, por isso. — Bebeu avidamente, da mesma maneira que alguns homens bebem de uma garrafa de uísque. — Não foi essa a razão que ela me deu, mas é essa a razão. Disse que decidiram mudar para Mineápolis, para ficarem mais perto da filha e dos netos, e isso é falso. Por que razão uma mulher que caminha para os setenta anos, casada com um homem mais velho que a terra, haveria de mudar para norte? Têm outro filho que vive perto de Washington e têm laços fortes aqui. Percebi logo que era treta.

— Devido ao que ela disse ou por lhe teres viajado pela mente?

— Primeiro uma coisa, depois a outra. Não comeces. — Fox apontou com a *Coca-Cola*, depois pousou-a com força na secretária. — Não ando a bisbilhotar por ser divertido. Filho da puta.

— Talvez mudem de ideias.

— Eles não querem ir, mas têm medo de ficar. Têm medo que aconteça outra vez — o que posso garantir — e, simplesmente, não querem passar por aquilo tudo novamente. Ofereci-lhe um aumento — como se pudesse suportá-lo, — ofereci-lhe todo o mês de julho de férias, e ela percebeu que eu sabia o que estava em causa. Mas não ficam. Deu-me até ao dia um de abril. O raio do Dia das Mentiras — resmungou. — Para encontrar outra pessoa, para ela lhe ensinar o trabalho. Eu não percebo nada do trabalho, Cal. Desconheço metade do que ela faz. Simplesmente, fá-lo.

— Tens até abril, talvez pensemos em alguma coisa.

— Não arranjámos uma solução para isto em mais de vinte anos.
— Estava a pensar no problema do teu escritório. Mas, sim, também tenho pensado muito no outro. — Erguendo-se, foi até à janela e observou a tranquila rua lateral. — Temos de pôr um fim a isto. Desta vez, temos de acabar com isto. Talvez ajude, falarmos com essa escritora. Descrever as coisas a alguém objetivo, alguém que não está envolvido.

— Arranjarmos lenha para nos queimarmos.

— Talvez, mas os problemas acontecerão, de qualquer maneira. Daqui a cinco meses. Devemos encontrar-nos com ela lá em casa. — Cal viu as horas. — Daqui a quarenta minutos.

— Nós? — Fox ficou, por momentos, com uma expressão vazia. — Isso é hoje? Deixa-me ver. Não disse nada à senhora Hawbaker, por isso não ficou escrito em lado nenhum. Tenho uma deposição dentro de uma hora.

— Porque não usas a porcaria do Blackberry?

— Porque não segue a minha lógica terrestre simples. Reagenda a escritora. Estou livre depois das quatro.

— Está bem, posso tratar disto sozinho. Se ela quiser mais, organizarei um jantar, por isso não marques nada para esta noite.

— Tem cuidado com o que disseres.

— Sim, sim, terei cuidado. Mas tenho estado a pensar. Já fomos cuidadosos em relação a isto durante muito tempo. Talvez esteja na hora de sermos um pouco descuidados.

— Pareces o Gage.

— Fox... já comecei outra vez a ter os sonhos.

Fox suspirou.

— Tinha esperança de que fosse só eu.

— Quando fizemos dezassete anos, os sonhos começaram cerca de uma semana antes do nosso aniversário. Aos vinte e quatro, foi mais de um mês antes. Desta vez, ainda faltam cinco meses. Torna-se cada vez mais forte. Receio que, se não descobirmos uma forma de resolver isto, esta possa ser a última vez para nós e para a cidade.

— Falaste com o Gage?

— Acabei de lhe mandar um e-mail. Não lhe contei dos sonhos. Fá-lo tu. Descobre se ele também os tem, onde quer que esteja. Manda-o vir para casa, Fox. Acho que precisamos dele aqui. Creio que desta vez não podemos esperar até ao verão. Tenho de ir.

— Cuidado com o que dizes à escritora — gritou Fox enquanto Cal se encaminhava para a porta. — Vê se obténs mais do que aquilo que dás.

— Eu trato disto — repetiu Cal.

...

Quinn Black conduziu o seu *Mini Cooper* pela rampa de saída e encontrou os restaurantes habituais no cruzamento. Pancake House, Wendy's, McDonalds, KFC.

Com grande carinho, pensou num *McRoyal*, com um acompanhamento de batatas fritas mesmo salgadas e — claro — uma *Coca-Cola* de dieta para aliviar a culpa. Porém, visto que isso seria quebrar a sua promessa de não comer comida rápida mais do que uma vez por mês, não cederia.

— E então, não te sentes tão certinha? — perguntou-se a si mesma com um único olhar pelo retrovisor para o adorável símbolo do McDonalds.

O seu amor pela comida rápida e gordurosa obrigara-a a uma odisseia de dietas da moda, suplementos desagradáveis e vídeos de exercícios milagrosos desde o fim da adolescência até aos vinte e poucos anos. Até que finalmente percebera que estava a ser estúpida, deitara fora todos os livros e artigos sobre dietas, os anúncios EU PERDI 10 QUILOS EM DUAS SEMANAS — VOCÊ TAMBÉM CONSEGUE!, e dedicara-se a comer e a exercitar-se com sensatez.

Mudança de estilo de vida, recordou-se. Ela fizera uma mudança de estilo de vida.

Mas, caramba, sentia mais saudades daqueles *McRoyals* do que do ex-noivo.

Porém, quem não sentiria?

Olhou para o GPS fixado no painel e depois para as instruções do e-mail de Caleb Hawkins, que imprimira. Até agora, estavam de acordo.

Procurou a maçã que lhe servia de lanche a meio da manhã. As maçãs enchiam, pensou Quinn, mordendo-a. Eram saudáveis e saborosas.

Mas não eram um *McRoyal*.

Para manter a cabeça afastada da tentação, pensou no que esperava conseguir naquela primeira entrevista frente a frente com um dos protagonistas da estranha cidadezinha de Hawkins Hollow.

Não, não era justo chamar-lhe estranha, recordou-se a si mesma. A objetividade em primeiro lugar. Embora a sua pesquisa a inclinasse a catalogá-la como estranha, não podia decidir enquanto não visse por si mesma, fizesse entrevistas, tomasse notas, investigasse a biblioteca local. E, talvez o mais importante de tudo, enquanto não visse a Pedra Pagã com os próprios olhos.

Ela gostava de meter o nariz em todos os recantos e teias de aranha das cidadezinhas, escavar sob as tábuas dos soalhos em busca de segredos e surpresas, ouvir as bisbilhotices, as lendas e tradições locais.

Construía uma pequena reputação escrevendo uma série de artigos sobre cidades insólitas e pouco conhecidas para uma revistazinha chamada *Detours*. E, sendo o seu apetite profissional tão bem desenvolvido como

o corporal, dera um salto arriscado e escrevera um livro sobre o mesmo tema, concentrado numa cidade do Maine com a reputação de estar assombrada pelos fantasmas de duas gémeas assassinadas numa hospedaria em 1843.

Os críticos tinham considerado o resultado «envolvente» e «divertidas histórias de fantasmas», exceto as que o apelidaram de «absurdo» e «arrevesado».

Seguira-se um livro sobre uma cidadezinha do Louisiana onde o descendente de uma sacerdotisa vudu era presidente da câmara e curandeiro. E, como Quinn descobrira, dirigia um negócio de prostituição muito bem-sucedido.

Porém, Hawkins Hollow —consegua senti-lo — seria maior, melhor, mais suculento.

Sentia-se ansiosa por lhe cravar os dentes.

Os restaurantes de comida rápida, as lojas e as casas aglomeradas deram lugar a relvados e casas maiores e a campos adormecidos sob os céus sombrios.

A estrada virava, afundava e voltava a subir, depois seguia outra vez a direito. Viu uma placa que indicava o campo da batalha de Antietam, outra coisa que tencionava investigar em primeira mão. Encontrara alguns dados acerca de incidentes durante a Guerra Civil, em Hawkins Hollow e nos arredores.

Queria saber mais.

Quando o GPS e as instruções de Caleb a informaram de que devia virar, seguiu por uma estrada ao longo de um bosque de árvores despidas, casas dispersas e quintas, com os seus celeiros, silos e cercados, que a faziam sempre sorrir.

Da próxima vez, havia de encontrar uma cidadezinha para explorar no Midwest. Uma quinta assombrada, ou o espírito queixoso de uma leiteira.

Esteve quase a ignorar as instruções para virar quando viu a placa que indicava Hawkins Hollow (fundada em 1648). Tal como acontecia com o *McRoyal*, o seu coração ansiava por ceder, por conduzir até à cidade em vez de virar para a casa de Caleb Hawkins. Porém, odiava chegar atrasada e, se se pusesse a explorar as ruas, os recantos, o *aspetto* da cidade, chegaria com certeza atrasada ao primeiro encontro.

— Em breve — prometeu, virando para tomar a estrada que serpenteava através dos bosques que ela sabia conterem, no seu interior, a Pedra Pagã.

Teve um breve arrepio, o que foi estranho. Foi estranho compreender que o arrepio fora de medo e não de antecipação, como sentia a cada novo projeto.

Continuou a seguir as curvas, mas relanceou com algum desconforto as árvores escuras e despidas. E travou bruscamente quando voltou a pôr os olhos na estrada e viu alguma coisa a correr diante do carro.

Pensou que era uma criança — Oh, Deus, oh, Deus — depois julgou tratar-se de um cão. E, em seguida... não era nada. Não havia absolutamente nada na estrada, nada a correr nos campos para além desta. Não estava ali nada, além dela e do bater desenfreado do seu coração dentro do pequeno carro vermelho.

— Foi uma ilusão de ótica — disse a si mesma, embora não acreditasse. — Uma dessas coisas que acontecem.

Voltou a ligar o carro, que se desligara com a travagem, e dirigiu-se à faixa de terra que servia de berma da estrada. Pegou no bloco de apontamentos, anotou a hora e escreveu exatamente o que lhe parecera ter visto.

Rapaz jovem, c. dez. Cabelos pretos, compr., olhos vermelhos. OLHOU diretamente para mim. Pisquei os olhos? Fechei-os? Abri-os e vi grã cão preto, não rapaz. Depois, nada.

Os carros passavam por ela sem problemas, enquanto Quinn permanecia sentada mais alguns minutos, esperando parar de tremer.

Escritora intrépida vacila ao primeiro possível fenómeno, dá meia volta e conduz o seu adorável carro vermelho até ao primeiro Mickey Donalds, onde toma um antídoto gorduroso para os nervos.

Podia fazer isso, pensou. Ninguém poderia acusá-la de delito grave e atirá-la para a prisão. E, se o fizesse, não teria o seu próximo livro nem qualquer respeito por si própria.

— Coragem, Quinn — ordenou a si mesma. — Não é a primeira vez que vêes fantasmas.

Mais calma, voltou à estrada e descreveu a curva seguinte. A estrada era estreita e sinuosa, com árvores a espreitar de ambos os lados. Calculava que seria adorável na primavera e no verão, com o matizado verde, ou depois de um nevão, com todas aquelas árvores cobertas de arminho. Porém, sob um céu cinzentão, os bosques pareciam invadir a estrada, ramos nus apenas à espera de se esticarem e baterem, como se só eles tivessem o direito de viver ali.

Como que para reforçar a sensação, não passavam outros carros e quando desligou o rádio, porque a música lhe parecia demasiado barulhenta, o único som era o do soprar pungente do vento.

Deviam ter chamado àquele lugar Cidade dos Fantasmas, concluiu, quase se esquecendo de virar para o caminho de gravilha

Por que razão, perguntou-se, alguém *escolheria* viver ali? Entre todo aquele arvoredo denso e pouco amigável, onde poças sombrias de neve se

juntavam para se esconderem do sol? Onde o único som que se ouvia era o rugido ameaçador da Natureza. Tudo era castanho, cinzento e taciturno.

Atravessou aos solavancos uma ponte que cruzava o meandro de um riacho e subiu a ligeira inclinação da rampa apertada.

Ali estava a casa, como anunciado.

Ficava no cimo do que ela chamaria um montículo, mais que uma colina, com a encosta fronteira domesticada em terraços que serviam de degraus, adornados com arbustos que, pensou, deviam ser um espetáculo grandioso na primavera e no verão.

Não existia um relvado propriamente dito, e Quinn achou que Caleb Hawkins fora esperto em deixar tudo cobrir-se daquele manto espesso de arbustos e árvores que bordejavam a fachada, em vez da relva tradicional que seria uma dor de cabeça para cortar e manter livre de ervas daninhas.

Aprovou o terraço fronteiro e lateral que, apostava, existia também na parte de trás. Gostava dos tons terrosos da pedra e das janelas generosas.

A casa parecia pertencer ali, satisfeita e bem instalada nos bosques.

Estacionou ao lado de uma carrinha *Chevrolet* entrada nos anos e saiu do carro para olhar demoradamente.

E compreendeu os motivos que alguém podia ter para morar ali. Existia ali, sem dúvida, uma aura de mistério, especialmente para quem tivesse inclinação para ver e sentir esse género de coisas. Mas havia também um encanto considerável e uma sensação de solidão que estava longe de ser desagradável. Conseguia perfeitamente imaginar-se sentada naquele terraço, num qualquer fim de tarde estival, a beber uma cerveja fresquinha, deleitando-se no silêncio.

Antes de poder dirigir-se à casa, a porta da frente abriu-se.

A sensação de *déjà vu* foi muito viva, quase entontecedora. O homem estava à porta da cabana, o sangue como flores vermelhas na sua camisa.

Não podemos ficar mais tempo.

As palavras soaram-lhe na mente, nítidas e proferidas por uma voz que, de alguma forma, conhecia.

— Menina Black?

Ela acordou bruscamente. Não havia qualquer cabana e, na camisa do homem que se encontrava no encantador terraço da sua adorável casa, não florescia qualquer sangue. Nem nos seus olhos brilhava a força de um amor grandioso e de uma imensa mágoa.

Mesmo assim, por momentos, teve de se encostar ao carro para estabilizar a respiração.

— Ah, olá. Chame-me Quinn. Estava só a admirar a casa. Grande localização.

— Obrigado. Foi difícil de encontrar?

— Não. As suas instruções eram perfeitas. — Claro que era ridículo ter aquela conversa ali fora, com o vento a gelá-los. Percebeu que ele pensava o mesmo quando viu o olhar inquisitivo no seu rosto.

Afastou-se do carro, conseguiu afivelar uma expressão, esperava ela, sã e agradável, e dirigiu-se ao trio de degraus de madeira.

E não é que ele era mesmo giro, percebeu quando finalmente se concentrou na realidade. Todo aquele cabelo varrido pelo vento e os intensos olhos cinzentos. Acrescentasse-se o sorriso torcido, o corpo longo e esguio vestido de calças de ganga e flanela, e uma mulher poderia sentir-se tentada a pendurar-lhe uma tabuleta de VENDIDO ao pescoço.

Subiu os degraus e estendeu a mão.

— Obrigada por se encontrar comigo, senhor Hawkins.

— Cal. — Aceitou a mão dela, apertou-a, e continuou a segurá-la enquanto apontava a porta.

— Vamos tirá-la do vento!

Entraram diretamente numa sala de estar que conseguia simultaneamente ser confortável e masculina. O generoso sofá estava virado para as grandes janelas fronteiras e as cadeiras pareciam permitir que um rabo se afundasse bem nelas. As mesas e os candeeiros não eram, provavelmente, antiguidades, mas pareciam algo oferecido por uma avó quando lhe desse para mudar a decoração da sua casa.

Até havia uma pequena lareira de pedra com o imprescindível rafeiro enorme a dormir diante dela.

— Deixe-me guardar o seu casaco.

— O seu cão está em coma? — Perguntou Quinn ao ver que o animal não mexia um músculo.

— Não. O *Lump* tem uma vida interior ativa e exigente, que o obriga a longos períodos de descanso.

— Percebo.

— Quer um café?

— Seria ótimo. E uma casa de banho. Foi uma longa viagem.

— Primeira à direita.

— Obrigada.

Fechou-se numa casa de banho pequena e imaculada, tanto para recuperar de uns quantos choques psíquicos quanto para urinar.

— Ok, Quinn — sussurrou. — Aí vamos nós.

QUATRO

Ele lera as suas obras; estudara as suas fotografias nas badanas dos livros e recorrera ao Google para conhecer um pouco do seu currículo e ler as suas entrevistas. Cal não era pessoa para falar com qualquer espécie de escritor, jornalista, repórter ou bloguista acerca de Hollow, de si mesmo ou de qualquer outra coisa, sem fazer uma verificação minuciosa.

Achara os seus livros e artigos divertidos. Agradara-lhe a óbvia afeição que ela sentia pelas cidades pequenas, intrigara-o o seu interesse e o tratamento que dava à tradição, à lenda e aos mistérios.

Gostava do facto de ela continuar a escrever, de vez em quando, um artigo para a revista que lhe dera uma oportunidade quando ainda frequentava a faculdade. Revelava lealdade.

Não ficara desapontado com a sua fotografia, que a mostrava com boa aparência, uma sensual cascata de cabelo cor de mel, brilhantes olhos azuis e um lábio superior ligeiramente proeminente.

A fotografia não chegava perto da realidade.

Ela provavelmente não era bonita, pensou enquanto servia o café. Tinha de olhar melhor quando o seu cérebro não estivesse tão confuso, e então decidiria.

O que sabia, inquestionavelmente, era que toda ela irradiava energia e — segundo o seu cérebro confuso — sexo.

Isso, provavelmente, devia-se ao seu corpo, algo que a fotografia não revelava. A senhora tinha umas curvas verdadeiramente excelentes.

Não era que não tivesse visto antes curvas femininas ou, de facto, não tivesse visto a sua dose de curvas femininas, nuas, vivas e em pessoa. Nesse

caso, porque se encontrava na sua própria cozinha, com os nervos em franja, por ter em casa uma mulher atraente e completamente vestida, que fora ali por razões meramente profissionais?

— Jesus, Hawkins! Cresce.

— Desculpa?

Cal deu um salto. Ela estava na cozinha, alguns passos atrás dele, com aquele sorriso de um milhão de watts.

— Estava a falar sozinho? Também faço isso. Porque é que as pessoas pensam que somos malucos?

— Porque querem que falemos com elas.

— Deve ter razão. — Quinn atirou para trás aquela longa cascata loura.

Cal percebeu que tinha razão. Ela não era bonita. O lábio superior ligeiramente saliente, o nariz ligeiramente torto, os olhos grandes demais, não eram elementos da beleza tradicional. Também não podia catalogá-la como gira. Era uma palavra demasiado simples e doce. Engraçada também não funcionava.

A única coisa em que conseguia pensar era *quente*, mas devia ser outra vez o seu cérebro a toldar-se.

— Não lhe perguntei como toma o café.

— Calculo que não tenha leite magro.

— Pergunto-me muitas vezes porque outros o têm.

Com uma gargalhada fácil que lhe entrou diretamente na corrente sanguínea, ela foi espreitar a vista do outro lado das portas de vidro, que davam — como suspeitara — para a parte de trás do terraço que circundava o edifício.

— O que significa que também não deve ter nenhum açúcar falso. Aqueles pacotes cor-de-rosa, azuis ou amarelos?

— Nem pensar. Posso oferecer-lhe leite e açúcar verdadeiros.

— Pode. — Não comera uma maçã, como uma menina bonita? — E eu posso aceitar. — Deixe-me perguntar-lhe uma coisa, só para satisfazer a minha curiosidade. A sua casa está sempre tão limpa e arrumada, ou fez isto tudo por mim?

Ele tirou o leite.

— Arrumada é uma palavra de raparigas. Prefiro o termo *organizada*. Gosto de organização. Além disso, — ofereceu-lhe uma colher para o açúcar. — A minha mãe pode aparecer inesperadamente e, de facto, fá-lo algumas vezes. Se a minha casa não estivesse limpa, punha-me de castigo.

— Se eu não telefonar à minha mãe uma vez por semana, ela parte do princípio de que fui mortalmente despedaçada por um assassino com um

machado. — Quinn limitou-se a uma escassa quantidade de açúcar. — É simpático, não é? Estes longos e flexíveis laços familiares.

— Agradam-me esses laços. Porque não vamos sentar-nos na sala, junto do lume?

— Perfeito. Então, há quanto tempo vive aqui? Nesta casa? — acrescentou enquanto levavam as canecas para fora da cozinha.

— Há um par de anos.

— Não tem grande vizinhança?

— Está bem assim e eu passo muito tempo na cidade. Gosto de tranquilidade, uma vez por outra.

— Acontece a toda a gente. A mim também, de vez em quando. — Sentou-se numa das cadeiras da sala de estar e recostou-se. — Admira-me que outras pessoas não tenham tido a mesma ideia, e construído algumas casas aqui à volta.

— Falou-se nisso algumas vezes. Nunca resultou.

Está a ser cauteloso, concluiu Quinn.

— Porquê?

— Acho que se revelou pouco atrativo financeiramente.

— Mas você mora aqui.

— A propriedade, alguns hectares do bosque Hawkins, foi-me deixada pelo meu avô.

— Então, mandou construir esta casa.

— Mais ou menos. Gostei da localização. — Reservado, quando precisava de ser reservado. Perto dos bosques, onde tudo se transformara. — Conheço algumas pessoas neste ramo e pusemos a casa de pé. Que tal está o café?

— Fabuloso. Também cozinha?

— O café é a minha especialidade. Li os seus livros.

— Que achou deles?

— Gostei. Deve saber que não estaria aqui, se eu não tivesse gostado.

— O que tornaria muito mais difícil escrever o livro que quero escrever. Você é um Hawkins. Um descendente do fundador da povoação que se tornou aldeia e depois cidade. E um dos protagonistas dos mais recentes acontecimentos sem explicação relacionados com o local. Fiz muita pesquisa acerca da história, da tradição, das lendas e das várias explicações — contou, procurando no saco que lhe servia de carteira e de mala. Retirou um mini-gravador, ligou-o e colocou-o na mesa entre ambos.

O seu sorriso era cheio de energia e interesse quando colocou o bloco de apontamentos no colo e o folheu até encontrar uma página em branco.

— Então, Cal, conte-me o que se passou na semana de 7 de julho de 1987, 1994 e 2001.

O gravador provocou-lhe... um formigueiro.

— Vai direta ao assunto, não é?

— Adoro saber coisas. Sete de julho é o seu aniversário. É também o aniversário de Fox O'Dell e de Gage Turner — nascidos no mesmo ano, criados em Hawkins Hollow consigo. Li artigos onde se relatava que foram vocês os três que alertaram os bombeiros, a 11 de julho de 1987, quando a escola primária pegou fogo, e também salvaram a vida de uma tal Marian Lister que se encontrava no interior da escola nessa altura.

Ela continuou a olhá-lo diretamente nos olhos enquanto falava. Cal achou interessante que não precisasse de consultar os apontamentos e não aparentasse necessidade de pequenos intervalos no contacto visual.

— Os relatos iniciais indicam que os três começaram por ser suspeitos de atarem o fogo, provando-se depois que a responsável era a própria menina Lister. Esta sofreu queimaduras de segundo grau em quase trinta por cento do corpo, além de concussão. Você e os seus amigos, três rapazes de dez anos, arrastaram-na para fora e chamaram os bombeiros. A menina Lister era, na altura, uma professora do quarto ano, com vinte e cinco anos, sem qualquer cadastro ou doença mental. Toda esta informação está correta?

Ela conhecia bem os factos, notou Cal. Tal como estes eram conhecidos. Porém, estavam longe de descrever o terror abjeto de entrar naquela escola a arder, encontrar a linda menina Lister a rir como louca e a correr através das chamas. Ou como se sentiram ao persegui-la pelos corredores enquanto as suas roupas ardiam.

— Ela teve um esgotamento.

— Obviamente. — Com um sorriso, Quinn ergueu as sobrancelhas. Também houve mais de uma dúzia de telefonemas para a linha de emergências, por violência doméstica, durante essa semana, mais do que os ocorridos em Hawkins Hollow nos seis meses anteriores. Houve dois suicídios e quatro tentativas de suicídio, numerosos relatos de assaltos, três violações e um atropelamento seguido de fuga. Algumas casas e lojas foram vandalizadas. Nenhuma, ou praticamente nenhuma das pessoas envolvidas em qualquer dos crimes ou incidentes, tem uma memória clara do que se passou. Alguns especulam que a cidade sofreu de uma histeria de massas, alucinações, ou uma qualquer infeção desconhecida transmitida pela comida ou pela água. Qual é a sua opinião?

— A minha opinião é que tinha dez anos e estava borrado de medo.

Ela concedeu-lhe aquele sorriso breve e luminoso.

— Acredito.

O sorriso desapareceu.

— Tinha dezassete anos em 1994 quando, durante a semana de 7 de julho, ocorreu outro, digamos, surto. Foram assassinadas três pessoas, uma

delas, ao que parece, enforcada no parque da cidade, mas ninguém se assumiu como testemunha ou admitiu ter participado. Houve mais violações, mais espancamentos, mais suicídios, duas casas arderam completamente. Houve relatos de que você, O'Dell e Turner conseguiram levar alguns dos feridos e traumatizados para um autocarro escolar e transportá-los ao hospital. Correto?

— Até aqui.

— Quero ir mais além. Em 2001...

— Eu conheço o padrão — interrompeu Cal.

— De sete em sete anos — disse Quinn com um aceno de cabeça. —

Durante sete noites. De dia — de acordo, mais uma vez, com o que pude averiguar — pouco acontece. No entanto, do pôr ao nascer do Sol, o inferno anda à solta. É difícil acreditar que seja coincidência o facto de esta anomalia acontecer de sete em sete anos, começando no dia do vosso aniversário. O sete é considerado um número mágico pelos que professam a magia, branca ou negra. Vocês nasceram no sétimo dia do sétimo mês de 1977.

— Se eu conhecesse as respostas, impediria que isto acontecesse. Se eu conhecesse as respostas, não estaria a falar consigo. Estou a falar consigo porque, talvez, apenas talvez, você as possa encontrar ou ajudar a encontrar.

— Nesse caso, conte-me o que aconteceu, diga-me o que *sabe*, até mesmo o que pensa ou sente.

Cal pousou o café e inclinou-se para olhar profundamente dentro dos olhos dela.

— Não o farei num primeiro encontro.

Espertinho, pensou Quinn com uma aprovação considerável.

— Muito bem. Da próxima vez, primeiro pago-lhe um jantar. Para já, que tal fazer de guia turístico e levar-me à Pedra Pagã?

— Já é muito tarde. Fica a duas horas a pé daqui. Não poderíamos ir e voltar antes de escurecer.

— Não tenho medo do escuro.

Os olhos dele tornaram-se muito frios.

— Teria. Digo-lhe uma coisa, existem lugares nestes bosques aonde ninguém vai depois de escurecer, ou a qualquer outra hora.

Ela sentiu gelar o fundo das costas.

— Alguma vez viu um rapaz, com a idade que tinha em 1987, um rapaz com cabelo escuro? Olhos vermelhos? — percebeu, pela forma como Cal empalideceu, que tocara numa corda sensível. — Viu-o.

— Porque me perguntas isso?

— Porque o vi.

Cal pôs-se de pé, dirigiu-se à janela e contemplou os bosques. A luz já era mais débil e sem brilho que uma hora antes.

Eles nunca tinham falado a ninguém do rapaz — ou do homem, dependia da forma que a coisa decidisse assumir. Sim, vira-o, e não fora só durante aquela semana infernal que acontecia de sete em sete anos.

Vira-o em sonhos. Vira-o pelo canto do olho, ou a trotar pelos bosques. Ou com a cara encostada ao vidro escuro da janela do seu quarto... a boca aberta num sorriso.

Mas ninguém, além dele, Fox e Gage, alguma vez o vira nos períodos intermédios.

E ela vira-o. Porquê?

— Onde e quando o viu?

— Hoje, mesmo antes de virar para a Pagan Road. Correu diante do meu carro. Surgiu do nada. É o que as pessoas dizem sempre, mas desta vez é verdade. Um rapaz, que depois já não era um rapaz e sim um cão. Depois não era nada, não havia ali nada.

Ouviu-a levantar-se e, quando se virou, ficou estupefacto ao ver aquele sorriso radioso no seu rosto.

— Este género de coisa alegra-a?

— Arre pia-me. Excita-me. Estou a dizer *Uau!* Tive aquilo a que se pode chamar um encontro próximo com um fenómeno não especificado. Estou assustada, posso garantir mas, mais uma vez, *Uau!* Este género de coisas dá-me pica.

— Bem vejo.

— Sabia que havia aqui alguma coisa, e achei que era em grande. Mas ter isto confirmado no primeiro dia é chegar ao filão principal com o primeiro golpe da picareta.

— Eu não confirmei nada.

— O seu rosto confirmou. — Pegou no gravador e desligou-o. Ele não lhe diria mais nada naquele dia. Um homem prudente, aquele Caleb Hawkins. — Tenho de ir à cidade, dar entrada no hotel e dar uma olhadela ao terreno. Posso oferecer-lhe o tal jantar esta noite?

Ela era rápida e Cal tinha por hábito não se precipitar.

— Porque não se instala com calma? Podemos falar do jantar e de outras coisas dentro de alguns dias.

— Gosto de homens difíceis. — Introduziu o gravador e o bloco de apontamentos no saco. — Acho que preciso do meu casaco.

Depois de ele lho trazer, ela vestiu-o e examinou o homem.

— Sabe, quando chego lá fora, tive uma sensação muito estranha. Pareceu-me reconhecê-lo, que já o tinha visto antes. Que já esperara por mim antes. Foi muito forte. Sentiu alguma coisa do género?

— Não. Talvez estivesse demasiado ocupado a pensar que era mais bonita ao vivo que na fotografia.

— A sério? Ótimo, porque estou fabulosa naquela fotografia. Obrigada pelo café. — Relanceou o cão que ressonara ligeiramente durante todo o tempo que durara a conversa. — Vemo-nos depois, *Lump*. Não trabalhes tanto.

Ele acompanhou-a lá fora.

— Quinn — disse, quando ela começou a descer os degraus. — Não tente armar-se em Lois Laning e ir à procura da Pedra Pagã sozinha. Não conhece estes bosques. Eu levo-a lá esta semana.

— Amanhã?

— Não posso, tenho o dia todo preenchido. Depois de amanhã, se estiver com muita pressa.

— Estou quase sempre. — Recuou até ao carro, para poder continuar a olhá-lo. — A que horas?

— Podemos encontrar-nos aqui às nove, se o tempo o permitir.

— Combinado. — Abriu a porta do carro. — A propósito, esta casa combina consigo. Rapaz do campo com mais estilo que pretensão. Agrade-me.

Ele ficou a vê-la partir — a estranha e *sexy* Quinn Black.

E ficou muito tempo a contemplar a luz que enfraquecia nos bosques onde construíra a sua casa.

Cal avisou Fox com um telefonema e combinou encontrar-se com ele no bólingue. Como os Pin Boys e os Alley Cats disputavam um jogo do campeonato nas pistas um e dois, podiam jantar e ver um espetáculo na churrascaria.

Além disso, havia poucas coisas mais barulhentas que uma pista de bólingue e a conversa seria abafada pelo barulho das bolas a bater nos pinos e pelas vozes e gritos.

— Antes de mais, voltemos à terra da lógica por um minuto. — Fox deu um gole na cerveja. — Ela pode ter inventado isso para obter uma reação.

— Como poderia saber o que tinha de inventar?

— Durante os Sete, há pessoas que o veem. Que disseram que o tinham visto, antes de começar a esfumar-se diante deles. Ela ouviu falar disso.

— Não me parece, Fox. Alguns disseram ter visto qualquer coisa — um rapaz, um homem, uma mulher, um cão, um lobo. . .

— O rato do tamanho de um *Doberman* — recordou Fox.

...

— Obrigado por me lembrares dessa. Nunca ninguém afirmou tê-lo visto antes ou depois dos Sete. A não ser nós, que nunca dissemos a ninguém. — Cal arqueou o sobrolho interrogativamente.

— Não. Achas que eu iria espalhar por aí que vejo demónios de olhos vermelhos? Afugentava os clientes.

— Ela é esperta. Não vejo razão para ter dito que o vira, fora da época, se não o tivesse visto. Além disso, estava perturbada com a experiência. Entusiasmada. Por isso, partamos do princípio de que o viu e continuemos na terra da lógica. Uma suposição lógica é que o canalha esteja mais forte, sabemos que estará. Suficientemente forte para aparecer fora dos Sete, no tempo intermédio.

Fox meditou enquanto bebia cerveja.

— Não gosto dessa lógica.

— A segunda opção é que ela esteja, de alguma forma, conectada. A um de nós, à cidade, ao incidente na Pedra Pagã.

— Essa agrada-me mais. Toda a gente está conectada, não é só o Kevin Bacon. Se te deres ao trabalho, podes colocar um punhado de graus praticamente entre qualquer par de pessoas. — Pensativo, Fox pegou na sua segunda fatia de piza. — Talvez seja uma prima afastada. Tenho primos que nunca mais acabam, e tu também. O Gage não tem tantos, mas tem alguns.

— É possível. Mas porque haveria uma prima afastada de ver algo que ninguém da nossa família mais próxima vê? Eles dir-nos-iam, Fox. Sabem melhor e mais claramente que ninguém aquilo que está para vir.

— Reencarnação. Se pensarmos, não está fora do Planeta Lógica. Além disso, a reencarnação é importante na família O'Dell. Talvez ela estivesse lá quando tudo aconteceu. Noutra vida.

— Não descarto nenhuma hipótese. Mas, mais importante, por que razão está aqui, agora? Será que nos vai ajudar a acabar com isto?

— Será preciso mais que uma hora de conversa em frente da lareira para saber isso. Suponho que não tiveste notícias do Gage?

— Ainda não, mas há de dizer alguma coisa. Vou levá-la à Pedra depois de amanhã.

— Estás a ser muito precipitado, Cal.

Cal abanou a cabeça.

— Se não a levar depressa, ela tentará ir lá sozinha. Se acontecesse alguma coisa... Não podemos ter essa responsabilidade.

— Nós somos responsáveis — não é essa a questão? A algum nível, a responsabilidade é nossa. — Franzindo o sobrolho, observou Don Myers, das Canalizações Myers, fazer um *split* 7-10 seguido da habitual algazarra. Myers executou, com os seus 150 quilos de peso, uma retorcida dança de vitória que não era uma visão agradável.

— Continuamos — disse Fox baixinho — dia após dia a fazer o que fazemos, a viver as nossas vidas, a fazer as nossas vidas. Comemos piza, coçamos o rabo, damos uma queca se tivermos sorte. Mas sabemos, embora de certa forma tentemos mantê-lo enterrado para continuar a viver, que voltará a acontecer. Que algumas das pessoas que vemos na rua todos os dias talvez não sobrevivam ao próximo assalto. Talvez nós não sobrevivamos. Que raio. — Bateu com a cerveja na de Cal. — Temos o agora, e mais cinco meses para resolver isto.

— Posso tentar voltar lá.

— Só se o Gage estiver aqui. Só podemos arriscar isso se estivermos juntos. Não vale a pena, Cal. Das outras vezes não conseguiste quase nada e levaste uma bela sova.

— Agora sou mais velho e sábio. E estou a pensar que, se ele está a mostrar-se agora — os nossos sonhos, o que aconteceu à Quinn, — está a gastar energias. Posso obter mais do que antes.

— Sem o Gage, não. É... *Hum* — disse enquanto a sua atenção vagueava por cima do ombro do amigo. — Flores frescas.

Cal olhou para trás e viu Quinn atrás da pista um, com o casaco aberto e uma expressão de surpresa no rosto ao ver Myers, gracioso como um hipopótamo em pontas, fazer a aproximação e arremessar a sua bola vermelha da sorte.

— É a Quinn.

— Sim, eu reconheci-a. Também li os livros. É mais sensual que na fotografia, que já era bastante sensual.

— Eu vi-a primeiro.

Fox riu e olhou desdenhosamente para Cal.

— Amigo, a questão não é quem a viu primeiro, mas quem *ela* vê. Se eu exhibir o poder total do meu charme sexual, tu és o Homem Invisível.

— Tretas. O poder total do teu charme sexual não seria suficiente para acender uma lâmpada de quarenta watts.

Cal saltou do banco quando Quinn se dirigiu a ele.

— Então foi por isto que levei uma tampa esta noite — disse ela. — Piza, cerveja e bólingue.

— O *hat trick* de Hawkins Hollow. Sou o gerente de serviço esta noite. Quinn, este é o Fox O'Dell.

— A segunda parte da tríade. — Apertou a mão de Fox. — Agora estou duplamente satisfeita por ter decidido conhecer o que parece ser o melhor local da cidade. Importam-se que me junte a vocês?

— Nem podia ser de outra maneira. Posso oferecer-te uma cerveja?

— Lá poder podes, mas... uma *light*.
Cal foi atrás do balcão.
— Eu trato disso. Alguma coisa para acompanhar? Piza?
— Oh! — Ela olhou a piza no balcão e ficou com os olhos subitamente orvalhados. — *Hum*, suponho que não tenhas piza com crosta de trigo integral e *mozzarella* magro?
— Fanática da saúde? — perguntou Fox.
— Exatamente o contrário. — Quinn mordeu o lábio inferior. — Estou a fazer uma mudança de estilo de vida. Caramba, tem mesmo bom aspeto. E se cortássemos uma dessas fatias ao meio? — Passou a mão lateralmente sobre o prato.
— Não há problema.
Cal pegou no cortador de piza e dividiu uma fatia.
— Amo gordura e açúcar como uma mãe ama o seu filho — disse Quinn a Fox. — Estou a tentar comer mais sensatamente.
— Os meus pais são vegetarianos — disse Fox quando cada um pegou em metade de uma fatia. — Fui criado a tofu e alfafa.
— Santo Deus, que triste.
— Por isso comia em minha casa sempre que podia, e gastava o dinheiro todo em *Little Debbies* e *Slim Jims*.
— As *Little Debbies* são manjares dos deuses. — Sorriu para Cal, que pousou a cerveja no balcão. — Gosto da vossa cidade. Dei uma volta por alguns quarteirões da Main Street. E, como estava gelada, voltei ao encantador Hotel Hollow, sentei-me no parapeito da janela e observei o mundo a passar por mim.
— Um mundo bonito — disse Cal, — que se move com alguma lentidão nesta altura do ano.
— *Hum* — concordou ela, dando uma dentadinha minúscula na ponta do estreito triângulo de piza. Fechou os olhos com um suspiro. — É boa. Esperava que, sendo uma piza do bólingue, não fosse.
— Não estamos mal. O Gino, do outro lado da rua, é melhor e tem mais variedade.
Ela abriu os olhos e deu com ele a sorrir-lhe.
— Isso é uma coisa péssima para dizer a uma mulher em plena mudança de estilo de vida.
Cal debruçou-se sobre o balcão, aproximando mais aquele sorriso e Quinn deu por si a perder o fio ao pensamento. Ele tinha um fantástico sorriso rápido e torcido, do género que fazia uma mulher ter vontade de o provar com uma dentadinha.
Antes de Cal poder falar, alguém o chamou e aqueles tranquilos olhos cinzentos afastaram-se dos dela até à ponta do balcão.

— Volto já.

— Bem. — Caramba, a pulsação dela disparara. — Enfim, só — disse a Fox. — Então, tu, o Cal e o até agora ausente Gage Turner são amigos desde miúdos.

— Desde bebés, mais exatamente. Tecnicamente, desde o útero. As mães do Cal e do Gage juntaram-se à minha quando ela dava uma aula Lamaze. Fizeram uma espécie de reunião com a turma alguns meses depois de todas terem dado à luz as suas encomendas e perceberam que tínhamos nascido todos no mesmo dia, à mesma hora.

— Foi uma ligação instantânea entre as mães.

— Não sei. Sempre se deram bem, embora se pudesse dizer que vinham de planetas diferentes. Eram amigáveis, sem serem amigas. Os meus pais e os do Cal ainda se dão bem, e o pai do Cal dá emprego ao pai do Gage quando mais ninguém na cidade lho teria dado.

— Porquê?

Fox pensou por um segundo e bebeu mais cerveja.

— Não é segredo — decidiu. — Ele bebia. Agora está sóbrio há algum tempo. Cerca de cinco anos, parece-me. Sempre achei que o senhor Hawkins lhe dava trabalho porque é boa pessoa e, em grande parte, por causa do Gage. Seja como for, não me lembro de um tempo em que nós os três não fôssemos amigos.

— Não houve discussões do género «gostas mais dele do que de mim», ou os afastamentos básicos e normais?

— Brigávamos — ainda brigamos — de vez em quando. — Não é assim com todos os irmãos?, pensou Fox. — Tivemos alturas complicadas, mas não. Estamos ligados. Nada pode quebrar essa ligação. E isso do «gostas mais dele do que de mim» é coisa de raparigas.

— Mas o Gage já não mora aqui.

— Na verdade, o Gage não vive em lado nenhum. Tem bichos-car-pinteiros.

— E tu? O rapazinho da sua aldeia natal.

— Considerei as luzes brilhantes, a rotina da grande cidade, até fiz uma curta experiência. — Olhou na direção dos queixumes de um dos Alley Cats que falhara um *spare*. — Gosto de Hollow. Até gosto da minha família, a maior parte do tempo. E gosto, afinal, de praticar Direito numa cidadezinha.

Era verdade, pensou Quinn, mas não toda a verdade.

— Viste o rapaz dos olhos vermelhos?

Desestabilizado, Fox pousou a cerveja que levantara para beber.

— Isso é assédio.

— Talvez. Mas isso não foi uma resposta.

— Adiarei a minha resposta até deliberações futuras. O Cal está a tratar disso.

— E tu não sabes bem se te agrada a ideia de ele, ou qualquer outra pessoa, falar comigo sobre o que pode acontecer ou não aqui.

— Não sei bem qual é o objetivo. Por isso, estou a sopesar a informação à medida que a recebo.

— É justo. — Desviou o olhar para Cal, que se aproximava. — Bem, rapazes, obrigada pela cerveja e pela fatia de piza. Devo voltar ao meu quarto encantador.

— Jogas bólingue? — perguntou Cal, e ela riu.

— Nem pensar.

— *Oh-oh* — disse Fox, muito baixinho.

Cal contornou o balcão, bloqueando Quinn antes de ela poder deslizar para fora do banco. Olhou longa e pensativamente para as botas dela. — Trinta e seis, não é?

— Ah... — Ela própria baixou o olhar para as botas. — Certíssimo. Bom olho.

— Espera. — Deu-lhe uma palmadinha no ombro. — Volto já.

Quinn ficou a olhá-lo, franzindo o sobrolho, depois olhou para Fox.

— Ele *não* vai arranjar-me um par de sapatos de bólingue, pois não?

— Ai isso é que vai. Troçaste da tradição que — se lhe deres alguma hipótese — ele te contará que começou há cinco mil anos. A seguir explicar-te-á a sua evolução, etc., etc.

— Santo Deus. — Quinn não conseguiu pensar em mais nada para dizer.

Cal trouxe um par de sapatos de bólingue castanhos e beges, e um par maior de sapatos castanhos-escuros, que eram obviamente os seus.

— A pista cinco está livre. Alinhas, Fox?

— Infelizmente, tenho de acabar de escrever um expediente. Fica para outro dia. Até depois, Quinn.

Cal enfiou os sapatos debaixo do braço e pegou na mão de Quinn para a ajudar a descer do banco.

— Quando foi a última vez que jogaste? — perguntou, encaminhando-a para uma pista livre.

— Acho que tinha 14 anos. Um encontro de grupo, que não correu bem, já que o objeto da minha afeição, Nathan Hobbs, apenas tinha olhos para Missy Dover, que não parava de dar gargalhadinhas tontas e era já muito desenvolvida.

— Não podes permitir que um coração partido no passado te estrague a diversão.

— Também não gostei da parte do bólingue.

— Isso foi nessa altura. — Cal fê-la sentar-se no banco de madeira macia e sentou-se ao lado dela. — Esta noite será melhor. Alguma vez fizeste um *strike*?

— Continuas a falar de bólingue? Não.

— Vais fazer, e poucas coisas superam a sensação desse primeiro *strike*.

— Nem o sexo com o Hugh Jackman?

Ele parou de atar o sapato para a olhar.

— Já tiveste sexo com o Hugh Jackman?

— Não, mas aposto de boa vontade qualquer quantia em como ter sexo com o Hugh Jackman, para mim, superaria a sensação de derrubar dez pinos com uma única bola.

— Muito bem. E eu apostaria, de boa vontade — digamos, dez dólares — que, quando fizeres um *strike*, admitirás que fica bem lá em cima no arrepiómetro.

— Primeiro, é altamente improvável que eu consiga fazer alguma coisa parecida com um *strike*. Segundo, eu poderia mentir.

— Vais conseguir. E não mentirás. Muda de sapatos, loirinha.

CINCO

Não era tão ridículo como ela julgara. Tolo, sim, mas Quinn tinha bastante espaço mental para comportar a tolice. As bolas eram de negro manchado — as mais pequenas sem os três buracos. O objetivo era arremessá-las pela longa pista polida em direção aos pinos de cabeça vermelha a que ele chamava «patos».

Ele observou-a a avançar pela linha de falta, atirar o corpo para trás e fazer o arremesso.

A bola saltitou algumas vezes antes de cair na canaleta.

— Ok — disse ela, atirando o cabelo para trás. — É a tua vez.

— Dispões de mais duas bolas por jogada.

— Ah, que bom!

Ele lançou-lhe o sorriso rápido.

— Vamos trabalhar o teu arremesso, depois tratamos do *approach*. — Dirigia-se a ela com outra bola enquanto falava. Entregou-lha. — Segura-a com ambas as mãos — instruiu, virando-a de frente para os pinos. — Agora, dá um passo em frente com o pé esquerdo, flete os joelhos, como se fosses agachar-te, mas dobra-te pela cintura.

Agora ele estava mesmo atrás dela, com a cabeça inclinada para as suas costas. Ela virou a cara para o olhar.

— Usas este esquema para te atirares às mulheres, não é?

— Sem dúvida. Oitenta e cinco por cento de taxa de sucesso. Agora, faz pontaria ao pino da frente. Podes preocupar-te com as bolsas e o *sweet spot* depois. Neste momento, vais apenas puxar para trás o braço direito e

depois lançá-lo para a frente com os dedos apontados ao primeiro pino. Deixa a bola ir, seguindo os teus dedos.

— *Hum.* — Mas ela tentou. Desta vez a bola não saltou diretamente para a canaleta, mantendo-se na pista tempo suficiente para derrubar os dois pinos do fundo, à direita.

Visto que a mulher da pista ao lado, que teria, no mínimo, sessenta anos, deslizara graciosamente para a linha, arremessara e derrubara sete pinos, Quinn não se sentia com razões para celebrar.

— Está melhor.

— Duas bolas, dois pinos. Acho que isso não merece a minha dança erótica.

— Como estou ansioso por ver a tua dança erótica, ajudar-te-ei a fazer melhor. Baixa mais o ombro. Perfume agradável — acrescentou antes de lhe ir buscar outra bola.

— Obrigada. — Dar um passo, dobrar-se, balançar, arremessar, pensou ela. E conseguiu mesmo derrubar o último pino do outro lado da pista.

— Sobrecompensado. — Cal carregou no botão de *reset*. A grade baixou, os pinos foram retirados com grande barulho e outro triângulo completo surgiu em seu lugar.

— Ela derrubou-os todos. — Quinn apontou com a cabeça para a mulher da pista ao lado, que fora sentar-se. — Não parece assim tão excitada.

— A senhora Keefafer? Joga duas vezes por semana, já perdeu o entusiasmo. Por fora. Por dentro, acredita-me, está a fazer a sua dança erótica.

— Se tu o dizes.

Cal ajeitou-lhe os ombros e mudou-lhe a posição das ancas. E ela percebeu por que razão aquela estratégia lhe permitia uma taxa de sucesso tão elevada. Finalmente, após incontáveis tentativas, conseguiu derrubar vários pinos que desfizeram o triângulo.

Havia uma parede de ruído, o estrondo surdo das bolas a rolarem e dos pinos a caírem, gritos e felicitações dos jogadores e dos espectadores, as campainhas animadas de uma máquina de *flippers*.

Cheirava-lhe a cerveja e a cera e ao queijo cor-de-laranja e gorduroso — um dos seus favoritos — dos *nachos* que alguém comia na pista ao lado.

Intemporal, completamente americano, pensou ela, esboçando distraidamente um artigo acerca daquela experiência. Um desporto de séculos — precisava de confirmar essa parte — para entreter as famílias de maneira sã e agradável.

Achou que lhe tomara o jeito, mais ou menos, embora fosse suficientemente frívola para atirar de propósito uma bola à vala, de vez em quando, para Cal lhe corrigir a posição.

E, nesses momentos, ocorria-lhe mudar o ângulo do artigo do diver-

timento em família para a sensualidade do bólingue. A ideia fê-la sorrir enquanto assumia a posição.

Depois, aconteceu. Ela lançou a bola, que rolou pelo centro da pista. Surpreendida, deu um passo atrás. Depois outro, levantando os braços para segurar os lados da cabeça.

Algo lhe formigava na barriga e o seu coração disparou.

— Oh, olha! Vai...

Houve um alegre *crash* quando a bola bateu nos pinos e estes caíram em todas as direções, batendo uns nos outros, rolando, até que o último tombou, balançando como um bêbado.

— Oh, meu Deus! — Chegou mesmo a balançar nas pontas dos sapatos alugados. — Viste? Viste? — Quando se virou, com uma expressão de perplexo deleite no rosto, ele sorria-lhe.

— Filho da puta — murmurou. — Devo-te dez dólares.

— Aprendes depressa — elogiou. — Queres experimentar um *approach*?

Ela dirigiu-se a ele.

— Acho que estou... exausta. Mas voltarei uma destas noites para a segunda aula.

— Será um prazer. — Sentados, lado a lado, mudaram de sapatos. — Levo-te ao hotel.

— Está bem.

Ele pegou no casaco e, de caminho, acenou ao jovem magro que estava atrás do balcão de aluguer de sapatos.

— Volto em dez minutos.

— Que silêncio — comentou ela no momento em que saíam. — Ouve só todo este silêncio.

— O barulho é parte da diversão e o silêncio que se segue é parte da recompensa.

— Alguma vez quiseste fazer uma coisa diferente, ou nasceste com um desejo ardente de gerir uma pista de bólingue?

— Clube de diversões familiar — corrigiu ele. — Temos uma sala de jogos — *flippers, skee-ball*, jogos de vídeo, e uma secção para miúdos com menos de seis anos. Fazemos festas privadas — festas de aniversário, de despedida de solteiro, casamentos...

— Casamentos?

— Claro. *Bar mitzvahs, bat mitzvahs*, aniversários de casamento, festas de empresas.

Definitivamente, eram ingredientes para um artigo, pensou ela.

— Muitos braços num só corpo.

— Pode dizer-se que sim.

— Nesse caso, porque não estás casado e a criar a próxima geração de líderes do Bowl-a-Rama?

— O amor esquivou-se-me.

— Ah.

Apesar do frio cortante, era agradável caminhar ao lado de um homem que acompanhava naturalmente o seu passo, ver as nuvens provocadas pela respiração de ambos a fundirem-se antes de o vento as transformar em nada.

Ele tinha uma atitude natural e olhos de matador, pelo que não se importou de sentir os dedos dormentes pelo frio que lhe entrava nas botas, que ela sabia serem mais elegantes que práticas.

— Estarás por aí, se eu me lembrar de alguma pergunta pertinente para te fazer amanhã?

— Andarei por aí — respondeu. — Posso dar-te o número do meu telemóvel para o caso de...

— Espera. — Ela procurou no saco e tirou o telemóvel. Continuando a caminhar, premiu algumas teclas. — Diz.

Cal disse o número.

— Fico excitado com uma mulher que, além de ser capaz de encontrar imediatamente o que procura nas profundezas misteriosas da sua mala, ainda consegue manejar com perícia aparelhos eletrónicos.

— Isso é um comentário sexista?

— Não. A minha mãe sabe sempre onde está tudo, mas ainda é derrotada pelo controlo remoto. A minha irmã Jen é capaz de manejar tudo, desde um seis velocidades até um rato sem fios, mas nunca consegue encontrar nada sem uma busca de vinte minutos, e a minha outra irmã, Marly, nunca consegue encontrar nada e tem medo do abre-latas elétrico. E aí estás tu, excitando-me por seres capaz de fazer as duas coisas.

— Sempre fui uma sereia. — Meteu o telemóvel no saco enquanto viravam para os degraus que conduziavam ao comprido alpendre na fachada do hotel. — Obrigada pela escolta.

— De nada.

Era um daqueles momentos embaraçosos em que duas pessoas se perguntavam se deviam apertar as mãos, simplesmente virarem costas e partirem, ou cederem à curiosidade e inclinarem-se para um beijo.

— Vamos manter-nos na estrada segura, por enquanto — decidiu Quinn. — Admito que me agrada o aspeto da tua boca, mas partir para aí seria emaranhar mais as coisas antes de eu sequer ter começado aquilo que me trouxe aqui.

— É uma pena que tenhas razão acerca disso. — Enfiou as mãos nos bolsos. — Nesse caso, direi apenas boa noite. Esperarei que entres.

— Boa noite. — Ela subiu os degraus até à porta e abriu-a. Depois olhou para trás e viu-o no mesmo sítio, ainda com as mãos nos bolsos, iluminado pela luz do antiquado candeeiro da rua.

Ah, pois, pensou. Era mesmo pena.

— Vemo-nos em breve.

Cal esperou até a porta se fechar atrás dela e depois, dando alguns passos, examinou as janelas do segundo e do terceiro andar. Ela dissera que a sua janela dava para a Main Street, mas ele não sabia em que andar estava.

Alguns momentos depois, uma luz iluminou uma janela do segundo andar, indicando-lhe que Quinn estava em segurança no seu quarto.

Virou-se e dera apenas dois passos quando viu o rapaz. Estava no passeio, a meio quarteirão de distância. Não usava casaco, nem chapéu, nenhuma proteção contra o vento. Este não abanava um fio da sua melena.

Os olhos brilhavam, estranhamente vermelhos, ao mesmo tempo que afastava os lábios e emitia um grunhido.

Cal ouviu o som mentalmente, enquanto o gelo lhe bailava na barriga.

Não era real, disse a si mesmo. Ainda não. Era apenas uma projeção, como nos sonhos. Mas, mesmo nos sonhos, podia magoá-lo, ou fazê-lo pensar que estava magoado.

— Volta para o lugar de onde vieste, cabrão. — Cal falou com clareza e o mais calmamente que os seus nervos abalados lhe permitiram. — Ainda não chegou o teu tempo.

Quando chegar, devorar-vos-ei, a todos vós e a tudo o que vos é precioso.

Os lábios não se moveram a par das palavras, ficando imóveis naquele grunhido feroz.

— Veremos quem sente a dentada desta vez. — Cal deu mais um passo em frente.

E o fogo irrompeu. Foi cuspidado das pedras brancas do passeio e fume-gou até ao outro lado da estrada numa parede de vermelho selvagem. Antes de poder perceber que não havia calor, que não queimava, Cal já recuara aos tropeções, com as mãos no ar.

A gargalhada ecoou-lhe na mente, tão selvagem como as chamas. Depois, tanto as chamas como as gargalhadas desapareceram.

A rua estava tranquila, as pedras da calçada e os edifícios incólumes.

Um truque saído da manga, recordou-se Cal. Ele tinha muitos.

Obrigou-se a avançar, através do local onde deflagrara o falso incêndio. Sentiu um forte cheiro acre, que se desvaneceu como o vapor da sua própria respiração. Nesse instante, reconheceu o que era.

Enxofre.

...

Lá em cima, no quarto que a tornava abençoadamente feliz, com a sua cama de dossel e um fofo edredão branco, Quinn sentou-se a uma bonita secretária, de pernas curvadas e superfície polida, escrevendo no computador as anotações, dados e impressões do dia.

Adorava que houvesse no quarto flores frescas e uma pequena taça azul com frutas artisticamente dispostas. Na casa de banho havia uma banheira de pés, funda e deliciosa, e um lavatório de pedestal, branco como a neve. Havia toalhas grossas e fofas, dois sabonetes e frasquinhos artísticos de champô, creme para o corpo e gel de duche.

Em vez de aborrecidos cartazes produzidos em série, a decoração das paredes consistia em pinturas originais e fotografias, que a discreta nota sobre a secretária identificava como obras de artistas locais disponíveis na Artful, uma loja na South Main.

O quarto estava cheio de pormenores acolhedores e permitia acesso rápido à Internet. Tomou nota para reservar o mesmo quarto quando a sua semana inicial chegasse ao fim, para as viagens de regresso que tencionava fazer em abril e em julho.

Consequira bastante no primeiro dia, tendo em conta que fora o dia da viagem. Conhecera dois dos três protagonistas, marcara uma visita à Pedra Pagã. Estabelecera um primeiro contacto com a cidade, pelo menos à superfície. E tivera, acreditava ela, uma experiência pessoal com a manifestação de uma força, por enquanto não identificada.

Além disso, dispunha dos rudimentos para um artigo sobre bólingue, que escreveria para os seus amigos da *Detour*.

Nada mau, se acrescentasse que jantara sensatamente uma salada com frango grelhado no restaurante do hotel e *não* cedera à tentação de comer uma piza inteira, mas apenas meia fatia. E fizera um *strike* no bólingue.

No campo pessoal, pensava, fechando o computador para se preparar para dormir, também resistira à tentação de beijar o extremamente atrativo Caleb Hawkins.

Não se sentia tão profissional e insatisfeita?

Depois de vestir as calças de flanela e a T-shirt de dormir, obrigou-se a fazer quinze minutos de Pilates (pronto, dez) e depois quinze de ioga, antes de se enterrar sob o fabuloso edredão e a pequena floresta de almofadas de plumas.

Tirou da mesa de cabeceira o livro que andava a ler e enterrou-se também nele até os seus olhos começarem a fechar.

Pouco depois da meia-noite, pôs o marcador dentro do livro, desligou o candeeiro e ajeitou-se no seu ninho feliz.

Como era hábito, adormeceu num instante.

Quinn reconheceu o sonho como sendo um sonho. Desfrutava sem-

pre da sensação do mundo desconjuntado e carnavalesco das paisagens oníricas. Para ela, era como ter uma aventura louca sem qualquer esforço físico. Então, quando deu por si no trilho sinuoso de um bosque denso, onde o luar prateava as folhas e o nevoeiro se enrolava no solo, uma parte da sua mente pensou, Caramba, aí vamos nós.

Julgou ouvir um cântico, uma espécie de sussurro áspero e desesperado cujas palavras eram indiscerníveis.

O ar era como seda, tão suave, enquanto ela atravessava as poças de nevoeiro. O cântico continuava, atraindo-a para ele. Uma única palavra parecia esvoaçar para fora da noite iluminada pelo luar, e a palavra era *bestia*.

Ouvia-a repetidamente, prosseguindo o caminho tortuoso através do ar sedoso e das árvores adornadas de prata. Sentiu um impulso sexual, um calor na barriga que a atraía em direção àquilo ou àquele que chamava na noite.

Duas vezes, depois três vezes, o ar pareceu sussurrar. *Beatus*. Esse murmúrio aqueceu-lhe a pele. No sonho, apressou o passo.

Uma coruja preta esvoaçou para fora do arvoredo banhado pelo luar, as suas grandes asas desencadeando uma tempestade no ar suave, arrefecendo-a até a fazer tremer. E, mesmo no sonho, teve medo.

O vento frio continuava a agitar-se e ela viu, estendido no trilho, um cervo dourado. O sangue que lhe escorria da garganta cortada ensopava a terra que brilhava, húmida e escura na noite.

O seu coração apertou-se de dor. Tão jovem, tão doce, pensou, obrigando-se a aproximar-se. Quem podia ter feito tal coisa?

Por um momento, os olhos mortos e fixos do cervo clarearam, com um brilho dourado. Olhou-a com tanta mágoa, tanta sabedoria, que as lágrimas se lhe acumularam na garganta.

Nesse momento ouviu a voz, não através do ar batido pelo vento, mas na sua mente. Uma única palavra: *devoveo*.

Então, as árvores ficaram nuas, a não ser pelo gelo que cobria o tronco e os ramos, e o luar prateado tornou-se cinzento. O caminho virara, ou virara ela, e encontrava-se agora diante de uma pequena lagoa. A água era negra como tinta, como se qualquer luz que o céu transmitisse fosse sugada para as suas profundezas e aí reprimida.

Na margem da lagoa encontrava-se uma jovem de vestido comprido, castanho. Tinha o cabelo cortado muito curto, com madeixas e tufos espetados. A rapariga dobrou-se e começou a encher de pedras os bolsos do vestido castanho.

Olá! Chamou Quinn. Que estás a fazer?

A rapariga continuou a encher os bolsos.

Quando Quinn se aproximou, viu que tinha os olhos cheios de lágrimas e de loucura.

Bolas! Tu não queres fazer isso. Não te queres armar em Virginia Woolf. Espera! Fala comigo.

A rapariga virou a cabeça e, por um momento chocado, Quinn viu o seu próprio rosto. *Ele não sabe tudo*, disse a louca. *Ele não te conhecia.*

Estendeu os braços e o seu corpo leve, tornado pesado pelas pedras, dobrou-se cada vez mais, até encontrar a água preta. A boca ansiosa da lagoa engoliu-a.

Quinn saltou — que mais podia fazer? O seu corpo preparou-se para o choque do frio e encheu os pulmões de ar.

Houve um relâmpago, um rugido que podia ser de um trovão ou de algo vivo e faminto. Ela estava de joelhos numa clareira onde uma pedra se erguia da terra, como um altar. Estava rodeada de fogo, as chamas cuspiam por cima dela, através dela, mas ela não lhes sentia o calor.

Através das chamas, viu duas formas, uma preta, outra branca, lutando como animais enlouquecidos. Um ruído horrendo rasgou os ares, a terra abriu-se e, como a boca da lagoa, engoliu tudo.

Um grito irrompeu-lhe da garganta quando a boca alargou para a apanhar. Arrastou-se na direção da pedra e esforçou-se por enrolar os braços em volta dela.

A pedra partiu-se em três partes iguais e fê-la cambalear até àquela boca ávida e aberta.

Acordou, aninhada na maravilhosa cama, os lençóis enrolados em torno das pernas, agarrada a uma das colunas da cama como se a sua vida dependesse disso.

A sua respiração era como a de um asmático e o coração batia-lhe com tanta força e rapidez que lhe fazia rodopiar a cabeça.

Foi um sonho, só um sonho, recordou-se, mas não conseguia — ainda não — soltar o poste da cama.

Agarrando-se a ele, deixou a bochecha repousar na madeira e fechou os olhos até a tremura se reduzir a um ocasional estremeção.

— Raio de viagem! — murmurou.

A Pedra Pagã. Fora ali que estivera no final do sonho, tinha a certeza disso. Reconhecia-a pelas fotografias que vira. Não era de admirar que tivesse tido um sonho assustador com a pedra e com os bosques. E o lago? Não lera qualquer coisa sobre uma mulher que se afogara num lago? O lago ficara com o nome dela. Lago Hester. Não, Lagoa. Lagoa Hester.

Tudo fazia sentido, na lógica dos sonhos.

Sim, fora um raio de uma viagem e ela morreria feliz se nunca mais tivesse de fazer outra igual.

Consultou o despertador de viagem e viu no mostrador luminoso que passavam vinte minutos das três. Três da manhã, pensou, a hora morta, a pior hora para estar acordado. Voltaria a dormir, como uma mulher sensata. Ajeitaria a roupa de cama, beberia um bom copo de água fresca e desligaria.

Já tivera suficientes sobressaltos para o primeiro dia. Saiu da cama para dar aos lençóis e ao edredão alguma aparência de ordem, depois virou-se, pensando ir à casa de banho buscar um copo de água.

O grito não soou. Atravessou-lhe a cabeça como garras, mas nada conseguiu abrir caminho através do nó que lhe queimava a garganta.

O rapaz sorria obscenamente do outro lado da janela escura. O rosto e as mãos estavam premidos contra o vidro, apenas a alguns centímetros dela. Viu a língua dele surgir e lambe aqueles dentes afiados e brancos e os seus brilhantes olhos vermelhos pareciam tão sem fundo e famintos como a terra que a tentara engolir no sonho.

Os seus joelhos queriam dobrar-se mas temia que, se tombasse por terra, ele quebrasse o vidro e, como um cão selvagem, lhe espetasse os dentes na garganta.

Em vez disso, ergueu a mão e fez o velho sinal contra o mal.

— Sai daqui — sussurrou. — Afasta-te de mim.

A coisa riu-se. Ela ouviu o som horrível e entontecedor, viu os seus ombros estremecerem de regozijo. Depois afastou-se do vidro, numa espécie de lento e sinuoso salto mortal. Ficou por momentos suspenso sobre a rua adormecida. Em seguida... condensou-se, foi tudo o que ela conseguiu pensar. Encolheu-se dentro de si próprio, transformando-se num pontinho preto, e desapareceu.

Quinn lançou-se na direção da janela e baixou a persiana até cobrir cada milímetro do vidro. Baixando-se finalmente até ao chão, encostou-se à parede, trémula.

Quando achou que podia manter-se de pé, usando a parede como apoio, dirigiu-se rapidamente às outras janelas. Quando acabou de correr todas as persianas perdera novamente o fôlego e tentou convencer-se de que não se sentia dentro do quarto como se estivesse numa caixa fechada.

Foi buscar a água — precisava de água — e bebeu dois copos cheios. Mais calma, observou as janelas tapadas.

— Ok, vai-te lixar, cabrãozinho.

Pegou no computador e voltou à sua posição no chão — sentia-se mais segura abaixo da linha dos parapeitos — e começou a escrever cada pormenor que recordava do sonho e da coisa que se encostara ao vidro.

...

Quando acordou, a luz já era uma dura linha amarela em torno do linho bege das persianas. E a bateria do portátil estava completamente esgotada. Felicitando-se por ter gravado antes de se enrolar no chão para dormir, pôs de pé o corpo emperrado.

Estúpida, disse a si mesmo, tentando esticar-se para perder alguma rigidez. Estúpida por não ter desligado o computador e voltado para aquela cama grande e confortável. Porém, esquecera-se do primeiro e nem sequer pensara na segunda.

Voltou a colocar o computador na secretária bonita e ligou-o para recarregar a bateria. Com algum cuidado — afinal, era completamente de dia quando vira o rapaz pela primeira vez — aproximou-se da janela. Subiu a persiana. O sol furava o céu azul. No pavimento, sobre os toldos e os telhados, brilhava uma carpete de neve fresca.

Avistou alguns comerciantes ou os seus empregados que limpavam atarefadamente os passeios, os alpendres e os degraus com pás. Havia carros a avançar lenta e ruidosamente ao longo da rua sulcada. Perguntou-se se a escola fechara ou começaria mais tarde devido à neve.

Perguntou-se também se o rapaz teria aulas de demónio nesse dia.

Quanto a ela, decidiu, cuidaria do seu corpo abusado num longo banho dentro daquela banheira encantadora. Depois experimentaria o pequeno-almoço da Ma'Pantry e procuraria que alguém falasse com ela sobre as lendas de Hawkins Hollow, enquanto tomava os seus cereais com fruta.

SEIS

Cal estava sentado ao balcão e viu-a entrar quando cortava a sua pequena pilha de panquecas. Usava aquelas botas altas, de saltos finos, calças de ganga desbotadas e um gorro de lã brilhante como um cardeal.

Estava enrolada num cachecol que o fez pensar na túnica de muitas cores de José e lhe dava um toque de elegância sobre o casaco aberto. Por baixo vestia uma camisola da cor de mirtilos maduros.

Havia algo nela, pensou, que seria brilhante e chamativo mesmo que se vestisse de cor de lama.

Viu os olhos dela percorrerem a área de refeições e percebeu que procurava um lugar para se sentar, alguém de quem se aproximar. Já estava a trabalhar, concluiu. Talvez estivesse sempre. Ele tinha a certeza, mesmo conhecendo-a há tão pouco tempo, que a mente dela estava sempre a funcionar.

Ela avistou-o. Dirigiu-lhe aquele sorriso radioso como o sol e encaminhou-se para ele. Cal sentiu-se como o rapazinho que foi escolhido para fazer parte da equipa, enquanto os outros abanam os braços e gritam: «Eu! Eu! Escolhe-me a mim!»

— Bom dia, Caleb.

— Bom dia, Quinn. Posso oferecer-te o pequeno-almoço?

— Claro. — Ela debruçou-se sobre o prato dele e cheirou longa e dramaticamente as panquecas saturadas de manteiga e xarope. — Aposto que são fabulosas.

— As melhores da cidade. — Cortou um pedaço grosso com o garfo e estendeu-lho. — Queres provar?

— Se provar já não consigo parar. É uma doença. — Quinn subiu para o banco e virou-se para sorrir à empregada ao mesmo tempo que desenrolava o cachecol.

— Bom dia. Queria um café, e por acaso não tem qualquer espécie de cereais que possam ser acompanhados com fruta?

— Bem, temos o *Special K*, e posso cortar-lhe umas bananas para acompanhar.

— Perfeito. — Debruçou-se sobre o balcão. — Sou a Quinn.

— A escritora da Pensilvânia. — A empregada acenou com a cabeça e apertou firmemente a mão de Quinn. — Sou a Meg Stanely. Tenha cuidado com este aqui, Quinn — acrescentou, dando uma palmadinha em Cal. — Alguns destes tipos sossegados fazem-nas pela calada.

— Algumas de nós, tagarelas, somos rápidas.

Meg soltou uma gargalhada enquanto servia o café a Quinn.

— Ser rápida é uma grande vantagem. Vou buscar-lhe os cereais.

— Por que razão — perguntou-se Cal em voz alta, cortando mais um pedaço de panqueca a escorrer — alguém escolhe, de livre vontade, comer *muesli* ao pequeno-almoço?

— É um gosto adquirido. Eu ainda estou a adquiri-lo. Mas, conhecendo-me como conheço, se continuar a tomar o pequeno-almoço aqui acabarei por ceder aos encantos das panquecas. A cidade tem um ginásio, um *health club* ou um tipo gorducho que alugue a sua máquina de exercícios?

— Há um pequeno ginásio na cave do centro comunitário. Tens de ser sócia, mas posso arranjar-te um livre-trânsito.

— A sério? É útil conhecer-te, Cal.

— Sim. Queres mudar o pedido? Primeiro as panquecas, depois o ginásio?

— Hoje não, mas obrigada. — Depois de adoçar o café, pegou na chávena com ambas as mãos, beberricando e examinando-o através do vapor débil.

— Agora que estamos no nosso segundo encontro...

— Como é que me escapou o primeiro?

— Compraste-me piza e cerveja e levaste-me a jogar bólingue. No meu dicionário, isso encontra-se na definição de encontro. E agora estás a oferecer-me o pequeno-almoço.

— Cereais e bananas. Gosto de encontros baratos.

— Quem não gosta? Porém, visto que andamos a encontrar-nos, e isso... — Deu mais um gole enquanto ele ria. — Gostaria de partilhar uma experiência contigo.

Observou Meg, que lhe trazia uma tigela branca de cerâmica cheia de cereais e rodela de banana.

— Calculei que preferisse o leite magro.
— Percetivo e correto, obrigada.
— Mais alguma coisa?
— Estamos bem, para já, Meg — respondeu Cal. — Obrigada.
— Se precisarem, chamem.
— Uma experiência — incentivou Cal quando Meg se afastou para o outro lado do balcão.
— Tive um sonho.

Ficou com as entranhas tensas ainda antes de ela começar a contar, em voz baixa e com todas as minúcias, o sonho que tivera durante a noite.

— Eu sabia que era um sonho — concluiu ela. — Sei sempre, mesmo enquanto duram. Normalmente desfruto deles, mesmo dos mais assustadores. Porque, percebes, não estão realmente a acontecer. Ainda não desenvolvi uma segunda cabeça para poder discutir comigo mesma, nem saltei de um avião com um punhado de balões vermelhos. Mas isto... Não posso dizer que me tenha agradado. Por exemplo, não foi só pensar que sentia frio. Eu *tinha* frio. Não foi só pensar que senti que me batiam e rolei para o chão. De manhã, encontrei nódoas negras que não existiam quando fui para a cama. Nódoas negras recentes na anca. Como é que ficas magoado num sonho, se é só um sonho?

Em Hawkins Hollow é possível, pensou ele.

— Caíste da cama, Quinn?

— Não, não caí da cama. — Pela primeira vez, notou-lhe um laivo de irritação na voz. — Acordei com os braços enrolados em torno da trave da cama, como se fosse o meu amante perdido. E isso foi tudo antes de voltar a ver aquele cabrão de olhos vermelhos.

— Onde?

Ela fez uma pausa suficientemente longa para comer uma colher de cereais. Ele não sabia bem se a expressão de desagrado que lhe atravessou o rosto se devia ao sabor ou aos seus pensamentos.

— Já leste *A Hora do Vampiro*, de King?

— Claro. Cidade pequena, vampiros. É bom.

— Lembras-te desta cena? Os rapazinhos são irmãos. Um foi transformado depois de os vampiros o terem desviado do trilho, nos bosques. Uma noite, ele vai visitar o irmão.

— Nada mais assustador que crianças-vampiro.

— Pouca coisa, pelo menos. E o miúdo vampiro está, simplesmente, *suspenso* do lado de fora da janela. Simplesmente flutua ali, arranhando o vidro. Foi assim. Ele estava premido contra o vidro e, saliente, estou no segundo andar. Depois fez um mortal cheio de estilo e desvaneceu-se.

Cal pousou uma mão sobre a dela e encontrou-a fria. Esfregou um pouco para a aquecer.

— Tens o meu número de casa e do telemóvel, Quinn. Porque não me ligaste?

Ela comeu um pouco mais e, sorrindo, ergueu a chávena para que Meg voltasse a enchê-la.

— Compreendo que andamos a encontrar-nos, Cal, mas não ligo às três e meia da manhã a todos os tipos com quem vou jogar bólingue para dizer que estou assustada! Atravessei os pântanos do Louisiana no rasto do fantasma de uma rainha vudu — e não penses que não sei como isto soa. Passei uma noite, sozinha, numa casa na costa do Maine com a reputação de estar assombrada, e entrevistei um tipo que se dizia estar possuído por nada menos que treze demónios. Depois, houve a família de lobisomens em Tallahassee. Mas este miúdo...

— Quinn, tu não acreditas em lobisomens nem em vampiros.

Ela virou-se no banco para o encarar.

— Tenho a mente aberta como uma loja de conveniência de 24 horas e, considerando as circunstâncias, tu também devias ter. Mas não, não acho que esta coisa seja um vampiro. Vi-o em plena luz do dia, afinal. Mas o facto de não ser humano, não significa que não seja real. Ele faz parte da Pedra Pagã. Faz parte do que acontece aqui de sete em sete anos. E veio adiantado, não veio?

Sim, confirmou, a mente dela estava sempre a trabalhar, e era tão cor-tante quanto uma navalha.

— Este não é o melhor local para aprofundar esse assunto.

— Diz onde.

— Disse que te levava à Pedra amanhã, e tenciono fazê-lo. Aí, entraremos em mais pormenores. Não posso fazê-lo hoje — disse ele, antecipando-se. — Tenho um dia muito ocupado e, de qualquer maneira, amanhã é melhor. Dizem que hoje e amanhã haverá sol e quatro graus de temperatura. — Ergueu uma anca para tirar a carteira do bolso. — A maior parte deste resto de neve derreter-se-á. — Relanceou as botas dela enquanto depositava notas em cima do balcão para pagar a conta de ambos. — Se não tiveres nada mais apropriado que isso para caminhar, é melhor que compres. Não aguentarás nem meia milha.

— Ficarás surpreendido quando vires o que consigo aguentar.

— Não sei se eu aguentaria. Se não nos virmos antes, até amanhã.

Quinn franziu-lhe o sobrolho quando ele virou costas, depois olhou para Meg, que limpava o balcão.

— Pela calada. Tinha razão.

— A verdade é que conheço o menino desde que nasceu.

Divertida, Quinn pousou um cotovelo no balcão e brincou com o resto dos cereais. Aparentemente, um susto valente durante a noite e uma ligeira irritação com um homem logo pela manhã era um auxiliar de dieta mais eficaz que qualquer balança da casa de banho. Meg parecia-lhe uma mulher agradável, de ancas largas nas suas calças de bombazina castanhas, camisa de flanela com as mangas arregaçadas até aos cotovelos. O cabelo tinha caracóis apertados, como o pelo de um caniche, uma bola castanha em torno de um rosto macio e enrugado. E viu-lhe nos olhos cor de avelã uma centelha rápida que indicou a Quinn que ela estaria inclinada a falar.

— Então, Meg, que mais sabe? Refiro-me à Pedra Pagã.

— Uma série de disparates, se quer que lhe diga.

— A sério?

— As pessoas ficam um pouco — descreveu um círculo com o dedo em volta do ouvido — de vez em quando. Bebem demais, ficam nervosas. Uma coisa leva à outra. Entretanto, a especulação é boa para o negócio, se é que me percebe. Vêm aqui muitos forasteiros que querem saber, fazem perguntas, tiram fotografias, compram recordações.

— Nunca teve nenhuma experiência?

— Vi algumas pessoas habitualmente sensatas comportarem-se como idiotas, e alguns que possuem já de si alguma maldade comportarem-se ainda mais malevolamente durante algum tempo. — Encolheu os ombros. — As pessoas são o que são, e às vezes ainda mais.

— Acredito que tenha razão.

— Se quer saber mais sobre o assunto, deve ir à biblioteca. Há lá alguns livros acerca da cidade, da sua história e tudo isso. E a Sally Keefafer...

— A do bólingue?

Meg soltou uma gargalhada.

— Ela gosta de jogar. É a diretora da biblioteca. Falará pelos cotovelos, se lhe fizer perguntas. Adora conversar e não há nenhum assunto de que não possa falar até termos vontade de lhe pôr fita-cola na boca.

— É o que farei. Vendem aqui fita-cola?

Meg soltou outra gargalhada e abanou a cabeça.

— Se quer mesmo falar, arranjar um sentido para tudo isto, o ideal é a senhora Abbott. Dirigiu a biblioteca antiga e visita a nova quase todos os dias.

Pegando nas notas que Cal deixara, foi encher novamente chávenas que a aguardavam no outro extremo do balcão.

Cal foi diretamente para o escritório, onde devia realizar o trabalho normal das manhãs, papelada, telefonemas, e-mails. E marcara uma reunião com

o pai e o rapaz da sala de jogos antes de o clube abrir para os campeonatos da tarde.

Pensou na parede de fogo através da Main Street na noite anterior. Acrescentando os dois avistamentos de Quinn, uma forasteira, não restavam dúvidas de que a *entidade* que empestava a cidade começava os seus folguedos mais cedo.

O sonho dela também o perturbara. Os pormenores — ele fizera um mapa mental do sítio onde ela estivera, do que vira. Se sonhara tão claramente com a lagoa, com a clareira, ficara com nódoas negras por causa disso, era porque, na opinião dele, estava de alguma forma conectada.

Uma relação distante não estava fora de questão e devia haver maneira de fazer uma pesquisa. Mas ele tinha outros parentes e ninguém, a não ser a família mais chegada, alguma vez falara de quaisquer efeitos, mesmo durante os Sete.

Ao passar pelas pistas de bólingue acenou a Bill Turner, que estava a poli-las. O zumbido alto e gutural da máquina ecoava no edifício vazio.

A primeira coisa que verificou no escritório foi o email, e soltou um suspiro de alívio quando viu um de Gage.

Praga. Alguns negócios para resolver. Devo voltar aos EUA dentro de duas semanas. Não faças nada mais estúpido que o habitual sem mim.

Sem saudação nem assinatura. Muito típico de Gage, pensou Cal. E, para já, teria de ser suficiente. Respondeu-lhe.

Contacta-me assim que estiveres no país. As coisas já estão agitadas. Esperarei sempre por ti para fazer as coisas estúpidas, porque tu és melhor nisso.

Depois de premir Enviar, mandou outro a Fox.

Precisamos de falar. Em minha casa, às seis. Tenho cerveja. Traz comida que não seja piza.

De momento, pensou Cal, era o melhor que podia fazer. Porque a vida continuava.

Quinn regressou ao hotel para ir buscar o computador. Já que ia à biblioteca, podia usá-lo para trabalhar algumas horas. E, embora calculasse que

tinha a maior parte, se não a totalidade dos livros da biblioteca, talvez a tal senhora Abbott se revelasse uma fonte valiosa.

Ao que parecia, Caleb Hawkins estaria fechado como uma amêijoia até ao dia seguinte.

Ao entrar no átrio do hotel, viu a empregada loura e coquete atrás do balcão — Mandy, lembrou-se Quinn depois de uma rápida consulta ao seu computador mental — e uma morena sentada no cadeirão a fazer o *check in*.

A observação rápida e descarada de Quinn registou a morena como tendo vinte e tal anos e um ar cansado da viagem que não diminuía muito a verdadeira beleza do rosto. Calças de ganga e uma camisola preta que assentavam bem sobre a sua constituição atlética. Pousara no chão uma mala de viagem, uma mala de computador e um saco mais pequeno, provavelmente com cosméticos ou outras necessidades femininas, e uma excelente e espaçosa mala de mão de couro vermelho envernizado.

Quinn teve um momento de inveja da mala ao dirigir-lhes um sorriso.

— Bem-vinda de volta, menina Black. Se precisar de alguma coisa, estarei disponível para si dentro de momentos.

— Estou bem, obrigada.

Quinn dirigiu-se para as escadas e, ao começar a subi-las, ouviu Mandy dizer animadamente:

— Está tudo tratado, menina Darnell. Vou chamar o Harry para a ajudar com as malas.

Como era seu hábito, Quinn especulou acerca da Miss Mala Vermelha Maravilhosa Darnell enquanto subia para o quarto. De passagem, a caminho de Nova Iorque. Não, era um lugar demasiado estranho para parar, e ainda era muito cedo para interromper uma viagem por estrada.

De visita a amigos ou familiares. Mas, nesse caso, porque não ficava em casa deles? Bem, ela tinha alguns de ambos em casa de quem não ficaria.

Talvez fosse uma viagem de negócios, pensou Quinn ao entrar no quarto.

Bem, se a Mala Vermelha que Eu Queria Para Mim ficasse mais que algumas horas, Quinn descobriria quem, o quê e porquê. Afinal, era esse o seu maior talento.

Quinn embalou o portátil e juntou um caderno de apontamentos e mais lápis, para o caso de ter sorte. Pôs o telemóvel na função de vibrar. Poucas coisas a irritavam mais que telemóveis a tocar em bibliotecas e teatros.

Enfiou um mapa do condado na mala, para o caso de decidir fazer explorações.

Assim armada, preparou-se para conduzir até ao outro lado da cidade, onde ficava a Biblioteca de Hawkins Hollow.

Devido às suas pesquisas, Quinn sabia que o edifício de pedra original da Main Street albergava agora o centro comunitário e o ginásio que pretendia utilizar. No virar do século, tinham construído a nova biblioteca, numa bonita colina no extremo sul da cidade. Também era de pedra, embora Quinn tivesse quase a certeza de que se tratava de cimento revestido e não cantaria. Tinha dois andares, com pequenas alas de cada lado e uma entrada em forma de pórtico. O estilo, pensou ela, era atrativamente antiquado. Imaginava o que a sociedade histórica local se debatera para o conseguir.

Admirou os bancos e as árvores que, calculou, estacionando no parque, ofereceriam recantos de leitura à sombra na estação apropriada.

Cheirava a biblioteca, pensou. Livros, um pouco de poeira, silêncio.

Viu um letreiro em cores vivas anunciando uma Hora da História na secção infantil, às dez e meia.

Atravessou a biblioteca. Computadores, mesas compridas, carrinhos, algumas pessoas a vaguear junto das estantes, um par de velhotes a folhear jornais. Ouvia o som suave de uma fotocopiadora e o toque abafado de um telefone no balcão de informações.

Teve de se forçar a manter-se concentrada, pois se se deixasse vaguear ficaria hipnotizada pelo encanto que encontrava em todas as bibliotecas, e dirigiu-se às Informações. No tom sussurrado que reservava para bibliotecas e igrejas, dirigiu-se ao homem magro que estava de serviço.

— Bom dia. Estou à procura de livros sobre a história local.

— Segundo andar, ala oeste. As escadas ficam à esquerda e o elevador lá atrás. Procura alguma coisa específica?

— Obrigada, vou só bisbilhotar. A senhora Abbott está cá hoje?

— A senhora Abbott reformou-se, mas vem cá quase todos os dias por volta das onze. Como voluntária.

— Mais uma vez, obrigada.

Quinn usou as escadas. Descreviam uma curva agradável, pensou, quase ao estilo de *E Tudo o Vento Levou*. Colocou antolhos mentais para não se deixar tentar pelas estantes de livros e áreas de leitura até chegar à secção Interesse Local.

Era mais uma sala — uma mini-biblioteca — que uma secção. Cadeiras confortáveis, mesas, candeeiros com quebra-luzes âmbar, até descansos para os pés. E era maior do que esperava.

Devia ter previsto a existência de batalhas travadas em Hollow e arredores, quer na Guerra Civil quer na Guerra da Independência.

Os livros sobre estes temas estavam arrumados em áreas separadas, assim como livros sobre o condado, o estado e a cidade.

Além disso, havia uma secção bem recheada de autores locais.

Foi aí que procurou primeiro e percebeu que encontrara um tesouro.

Havia pelo menos uma dúzia que não descobrira durante as suas pesquisas antes de chegar à cidade. Também tinham publicações de autor e de pequenas editoras locais.

Títulos como *Pesadelo em Hollow e Hollow, A Verdade*, fizeram-na ficar doente de ansiedade. Instalou o computador portátil, o bloco de notas, o gravador, depois retirou cinco livros das prateleiras. Foi então que reparou numa pequena placa de bronze.

**A Biblioteca de Hawkins Hollow reconhece com gratidão
a generosidade da família de Franklin e Maybelle Hawkins.**

Franklin e Maybelle. Eram, provavelmente, antepassados de Cal. Quinn considerou generoso e apropriado que tivessem doado os fundos para patrocinar aquela sala. Aquela sala, em particular. Instalou-se à mesa, escolheu um dos livros ao acaso e começou a ler.

Preenchera páginas do bloco de apontamentos com nomes, localizações, datas, incidentes reputados e teorias várias quando sentiu o cheiro de alfazema e pó de talco.

Levantou a cabeça do livro e viu uma velhota bem arranjada, de sapatos pretos e sensatos, com os braços dobrados junto à cintura do fato púrpura.

O seu cabelo era uma fina bola de neve; os óculos de aros claros tinham lentes tão grossas que Quinn se perguntou como é que o seu pequeno nariz e orelhas suportavam tanto peso.

Usava pérolas em torno do pescoço, uma aliança de ouro no dedo e um relógio com pulseira de couro e um mostrador enorme que parecia tão funcional como os seus sapatos de sola grossa.

— Sou Estelle Abbott — disse com a voz pouco firme. — O jovem Dennis disse-me que perguntou por mim.

Como Quinn calculava que o Dennis das Informações estivesse já pelos sessenta e muitos anos, imaginou que a mulher que lhe chamava jovem lhe devia levar um avanço de umas boas duas décadas.

— Sim. — Quinn pôs-se de pé e foi apertar-lhe a mão. — Sou a Quinn Black, senhora Abbott. Sou...

— Sim, eu sei. A escritora. Gostei dos seus livros.

— Muito obrigada.

— Não tem de quê. Se não tivesse gostado, também lho dizia francamente. Está a pesquisar para escrever um livro acerca de Hollow.

— Sim, minha senhora, estou.

— Encontrará aqui bastante informação. Alguma, útil. — Espreitou os livros em cima da mesa. — Alguma, disparatada.

— Então, para separar o trigo do joio, talvez a senhora consiga arranjar algum tempo para falar comigo, quando possível. Gostaria de a levar a almoçar ou a jantar quando...

— É muito simpático da sua parte, mas desnecessário. Podemos sentar-nos agora por uns momentos e ver como correm as coisas.

— Seria ótimo.

Estelle sentou-se numa cadeira e, com as costas muito direitas e os joelhos juntos, dobrou as mãos sobre o colo.

— Nasci em Hollow — começou. — E vivi aqui ao longo dos meus noventa e sete anos.

— Noventa e sete? — Quinn não precisou de simular a surpresa. — Normalmente, sou bastante boa a calcular idades, e dar-lhe-ia uma boa década a menos.

— Bons ossos — comentou Estelle com um sorriso fácil. — Perdi o meu marido, John, que também nasceu e se criou aqui, vai fazer oito anos no dia cinco do mês que vem. Estivemos casados setenta e um anos.

— Qual é o segredo?

A pergunta provocou outro sorriso.

— Aprender a rir, caso contrário, batemos-lhes até à morte com um martelo na primeira oportunidade.

— Deixe-me apontar isso.

— Tivemos seis filhos, quatro rapazes e duas raparigas, todos ainda vivos e nenhum na prisão, graças a Deus. Tivemos dezanove netos que, por sua vez, nos deram vinte e oito bisnetos, segundo a última contagem, e cinco da nova geração, com dois a caminho.

Quinn ficou de boca aberta.

— O Natal deve ser uma loucura.

— Apesar de estarmos dispersos, conseguimos juntar-nos quase todos no mesmo sítio, de vez em quando.

— O Dennis disse que está reformada. Era bibliotecária?

— Comecei a trabalhar na biblioteca quando o meu mais novo foi para a escola. Era a biblioteca antiga, na Main Street. Trabalhei lá mais de cinquenta anos. Voltei a estudar e tirei o meu curso. Eu e o Johnnie viajámos, vimos muito mundo juntos. A certa altura pensámos em mudar para a Florida, mas estávamos demasiado enraizados aqui. Eu passei a trabalhar a meio-tempo e depois reformei-me, quando o meu Johnnie adoeceu. Depois de ele morrer, voltei — ainda para o antigo edifício, este estava em construção — como voluntária ou como parte da mobília, como quiser ver as coisas. Estou a contar-lhe isto para ter uma ideia acerca de mim.

— A senhora ama o seu marido e os seus filhos, e os filhos que vieram

destes. Ama livros e sente orgulho no trabalho que fez. Ama esta cidade e respeita a vida que viveu aqui.

Estelle concedeu-lhe um olhar de aprovação.

— A menina tem uma forma eficiente e perspicaz de resumir. Não disse que eu amei o meu marido, usou o presente. Isso indica-me que é uma jovem observadora e sensível. Senti, nos seus livros, que tem uma mente aberta e exploradora. Diga-me, menina Black, também tem coragem?

Quinn pensou na coisa do lado de fora da janela, na maneira como lambera os dentes com a língua. Tivera medo, mas não fugira.

— Gosto de pensar que sim. Por favor, chame-me Quinn.

— Quinn. É um nome de família.

— Sim. O nome de solteira da minha mãe.

— Gaélico irlandês. Acho que significa «conselheiro».

— Sim, é verdade.

— Posso um poço de informações triviais — disse Estelle batendo com um dedo na têmpora. — Pergunto-me se o seu nome não será relevante. Precisarás de ter a objetividade e a sensibilidade de um conselheiro para escrever o livro que deve ser escrito acerca de Hawkins Hollow.

— Por que não o escreveu a senhora?

— Nem toda a gente que gosta de música é capaz de tocar. Deixe-me dizer-lhe umas quantas coisas, algumas das quais talvez já saiba. Existe um lugar nos bosques que limitam esta cidade a oeste, e esse lugar foi terreno sagrado, sagrado e volátil, muito antes de Lazarus Twisse ir procurá-lo.

— Lazarus Twisse, o líder da seita puritana radical que se separou, ou melhor, foi expulsa da Igreja de Massachusetts.

— De acordo com a história da época, sim. Os americanos nativos consideravam esse terreno sagrado. E diz-se que antes deles havia poderes em luta por aquele círculo de terra e ambos — a escuridão e a luz, o bom e o mau, seja qual for o termo que preferir — deixaram aí sementes desse poder. Estas ficaram adormecidas, século após século, e apenas a pedra assinalava o que ali se passara. Com o tempo, as memórias da batalha foram esquecidas ou adulteradas no folclore, e apenas permaneceu, em muita gente, a sensação de que aquele terreno e a sua pedra não eram vulgares.

Estelle fez uma pausa. Ficou tão silenciosa que Quinn ouvia o clique e o zumbido do aquecimento e o bater suave de sapatos de borracha no soalho quando alguém atravessou a sala.

— Twisse veio para Hollow, já batizada com o nome de Richard Hawkins que, com a mulher e os filhos, criara uma pequena povoação em 1648. Deve lembrar-se que a filha mais velha de Richard se chamava Ann. Quando Twisse chegou, Hawkins, a sua família e um punhado de outros — alguns criminosos, políticos ou não, fugidos da Europa — tinham constru-

ído aqui a sua vida. Assim como um homem que se identificava como Giles Dent. E Dent construiu uma cabana nos bosques, no sítio onde a pedra se elevava da terra.

— Aquela a que chamam Pedra Pagã.

— Sim. Ele não incomodava ninguém, e como possuía alguma capacidade e conhecimento de cura, era muitas vezes procurado pelos doentes e pelos feridos. Certos relatos afirmam que era conhecido como «o Pagão» e é daí que vem o nome Pedra Pagã.

— Não está convencida de que esses relatos sejam exatos.

— Pode ser que o termo tenha pegado, tenha entrado na linguagem e no léxico nessa altura. Porém, já era Pedra Pagã muito antes da chegada de Giles Dent e de Lazarus Twisse. Outros relatos afirmam que Dent lidava com a bruxaria, que enfeitiçara Ann Hawkins, a seduzira e fecundara. Outros dizem que Ann e Dent eram, de facto, amantes, mas que ela fora para a sua cama de livre vontade e deixara a casa da família para viver com ele na cabana da Pedra Pagã.

— Deve ter sido difícil para ela — para a Ann Hawkins — tanto num caso como noutro — especulou Quinn. — Enfeitiçada ou de livre vontade, viver com um homem sem ser casada. Se foi de livre vontade, se foi por amor, ela devia ser muito forte.

— Os Hawkins sempre foram fortes. A Ann tinha de ser forte para ir ter com o Dent, ficar com ele. Mais tarde, teve de ser suficientemente forte para o deixar.

— Há muitos relatos em conflito — começou Quinn. — Por que razão acredita que Ann deixou Dent?

— Acredito que o deixou para proteger as vidas que carregava no ventre.

— De quem?

— De Lazarus Twisse. Este e os seus seguidores chegaram a Hawkins Hollow em 1651. Ele era uma força poderosa, e a povoação não tardou a ficar sob o seu comando. Decretou que não haveria danças, nem canções, nem música, nem livros, a não ser a Bíblia. Nenhuma igreja, senão a sua, nenhum deus, senão o seu.

— Que se lixasse a liberdade de religião.

— A liberdade nunca foi um objetivo de Twisse. À maneira dos que anseiam o poder acima de tudo, intimidava, aterrorizava, punia, bania e usava como arma visível a fúria do deus que escolhera. À medida que o seu poder crescia, cresciam também os castigos e punições que impunha. O cepo, chicotadas, rapar o cabelo de uma mulher considerada ímpia, marcar um homem se fosse acusado de um crime. E, finalmente, a fogueira para os que considerava bruxos. Na noite de 7 de julho de 1652, devido à acusação

de uma jovem, Hester Deale, Twisse conduziu uma turba da povoação até à Pedra Pagã, junto de Giles Dent. O que aconteceu aí...

Quinn inclinou-se para a frente, mas Estelle suspirou e abanou a cabeça.

— Bem, há muitas versões. Tal como houve muitas mortes. Sementes há muito tempo plantadas agitaram-se no terreno. Algumas terão germinado, apenas para morrerem nas chamas que devastaram a clareira.

» Existem... poucos relatos do que aconteceu logo a seguir, ou nos dias e semanas seguintes. Mas, a seu tempo, Ann Hawkins voltou à povoação com os três filhos. E Hester Deale deu à luz uma filha, oito meses depois das mortes pelo fogo na Pedra Pagã. Muito pouco tempo depois do nascimento da filha, que Hester afirmava ter sido concebida pelo diabo, afogou-se num pequeno lago nos bosques Hawkins.

Com os bolsos cheios de pedras, pensou Quinn suprimindo um estremeção.

— Sabe o que aconteceu à filha? Ou aos filhos de Ann Hawkins?

— Embora existam algumas cartas, alguns diários, Bíblias de família, a informação mais concreta perdeu-se, ou nunca chegou a vir à luz. Será preciso tempo e um esforço considerável para desenterrar a verdade. Posso dizer-lhe isto: essas sementes ficaram adormecidas até uma noite, vai fazer este mês de julho vinte e um anos. Foram acordadas, e acordado foi também o que as semeara. Germinam durante sete noites, de sete em sete anos, e devastam Hawkins Hollow. Desculpe, hoje em dia canso-me muito depressa. É irritante.

— Posso ir buscar-lhe alguma coisa? Ou levá-la a casa?

— Você é uma boa rapariga. O meu neto vem buscar-me. Calculo que já tenha falado com o filho dele, o Caleb.

Algo no seu sorriso ligou um interruptor no cérebro de Quinn.

— Quer dizer que o Caleb é...

— É meu bisneto. Honorário, pode dizer-se. O meu irmão Franklin e a mulher, a minha querida amiga Maybelle, morreram num acidente pouco antes de Jim, o pai do Caleb, nascer. Eu o meu Johnnie fizemos de avós dos netos do meu irmão. Contei com eles e os deles na longa lista que lhe apresentei há pouco.

— Então a senhora é uma Hawkins por nascimento.

— Sou, e a nossa linha recua em Hollow até Richard Hawkins, o fundador, e através dele, até Ann. — Fez uma pausa como que para deixar Quinn absorver, analisar. — É um bom rapaz, o meu Caleb, e transporta um grande peso aos ombros.

— Por aquilo que vi, carrega-o bastante bem.

— É um bom rapaz — repetiu Estelle. — Voltaremos a falar, em breve.

— Vou consigo até lá abaixo.

— Não se incomode. Têm chá e bolinhos para mim na sala dos funcionários. Sou uma mascote aqui — no melhor sentido da palavra. Diga ao Caleb que falámos e que eu gostava de voltar a falar consigo. Não gaste todo este dia tão bonito dentro de um livro. Por muito que eu os ame, existe vida para ser vivida.

— Senhora Abbott?

— Sim?

— Acha que as sementes da Pedra Pagã foram plantadas por quem?

— Deuses e demónios. — Os olhos de Estelle estavam cansados, mas lúcidos. — Deuses e demónios, e a linha que existe entre ambos é tão ténue, não é?

Uma vez sozinha, Quinn voltou a sentar-se. Deuses e demónios. Estes eram um passo gigantesco em relação a fantasmas, espíritos e outros residentes misteriosos. Contudo, ajustavam-se às palavras que recordava dos seus sonhos.

Palavras que consultara naquela manhã.

Bestia, o latim para besta.

Beatus, o latim para abençoado.

Devoveo, o latim para sacrifício.

Muito bem, pensou. Se vamos por este caminho, talvez seja uma boa altura para convocar reforços.

Pegou no telemóvel. Quando foi saudada por uma mensagem, conteve a impaciência e aguardou o sinal para deixar mensagem.

— Cyb, é a Q. Estou em Hawkins Hollow, Maryland. E apanhei uma das boas. Podes vir? Diz-me se podes. Diz-me se não puderes, para eu te contar tudo.

Fechou o telefone e, de momento, ignorou a pilha de livros que escolhera. Em vez disso, começou a escrever apressadamente no computador as notas do discurso de Estelle Abbott.